





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS
LINHA DE POÉTICAS INTERDISCIPLINARES

LAURA CALHEIROS GOMES RIBEIRO

IMPROVISO [NO] COTIDIANO - LUGARES ÍNTIMOS

RIO DE JANEIRO
2018

LAURA CALHEIROS GOMES RIBEIRO

IMPROVISO [NO] COTIDIANO - LUGARES ÍNTIMOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Linha Poéticas Interdisciplinares, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Artes Visuais.

Orientadora: Professora Doutora Maria Luiza Fragoso

RIO DE JANEIRO
2018

CIP - Catalogação na Publicação

C484i CALHEIROS GOMES RIBEIRO, LAURA
IMPROVISO [NO] COTIDIANO - LUGARES ÍNTIMOS /
LAURA CALHEIROS GOMES RIBEIRO. -- Rio de Janeiro,
2018.
132 f.

Orientadora: Maria Luiza Fragoso.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, Programa de
Pós-Graduação em Artes Visuais, 2018.

1. improviso. 2. ser. 3. espaço. 4. fotografia.
5. arte contemporânea. I. Fragoso, Maria Luiza,
orient. II. Título.

LAURA CALHEIROS GOMES RIBEIRO

IMPROVISO [NO] COTIDIANO - LUGARES ÍNTIMOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Linha Poéticas Interdisciplinares, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Artes Visuais.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Maria Luiza Fragoso (Orientadora)
EBA/UFRJ

Profa. Dra. Ângela Âncora da Luz
EBA/UFRJ

Profa. Dra. Lilian de Carvalho Soares
PUC/RJ

Rio de Janeiro, 11 de outubro de 2018.

Para os que experimentam o espaço, para os que investigam o lugar, e, principalmente, para os que praticam arte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai (Zé), que se empenhou em me “complicar” desde pequena, e, assim, me ensinou a questionar e dialogar.

À minha mãe (Carmen), pela compreensão, pela escuta e pela tranquilidade; me ensinou, com tanto amor, a ser e a estar bem com os desafios da vida.

A eles e a toda minha família (Gabriela, Renato, Luiza), pelo ninho que constituiu a base da minha individualidade, que me ensinou a estar dentro de um coletivo, e, acima de tudo, me permitiu ser.

Agradeço à Impisa, e seu projeto Acampamento Vivencial. Um dos mais brilhantes ambientes de aprendizagem que tive a oportunidade de conhecer e crescer fazendo parte.

Agradeço também aos amigos, pelos incentivos e por SERem comigo. Por todas as vivências.

Agradeço, com muito carinho, à Flora e a sua família (Delson, Eva e Dante), que me acolheram no início desse caminho, me apresentando ao universo da arte, e a uma nova forma de me comunicar, despertando a linguagem que melhor me conecta ao mundo.

Agradeço à Malu, pela escuta, pelos conselhos, por todas as oportunidades que tive em aprender com ela, tanto em aula, quanto nas longas horas de orientação, e mesmo nas conversas coloquiais.

O MÍNIMO DO MÁXIMO

Tempo lento,
espaço rápido,
quanto mais penso,
menos capto.

Se não pego isso
que me passa no íntimo,
importa muito?

Rapto o ritmo.

Espaçotempo ávido,
lento espaçodentro,
quando me aproximo,
simplesmente me desfaço,
apenas o mínimo
em matéria de máximo.

Paulo Leminski

A casa é viva
A casa tem ossos – vigas, colunas
A casa tem veias – fios e energia
A casa tem músculos – tijolos, pedras
A casa tem articulações – dobradiças – portas e janelas
A casa tem órgãos – cômodos
A casa tem sistema digestivo – coisas que entram e saem dela
A casa tem pele – tinta, revestimento
A casa tem roupa e acessórios – objetos, móveis

A casa que vivemos e cuidamos
A casa que abandonamos, e ela adoece até morrer
A casa em reforma
A casa em crescimento
A casa madura
A casa idosa, com probleminhas aqui e ali...
A casa desconhecida
A casa conhecida

A casa arrumada
A casa bagunçada
A casa limpa
A casa suja
A casa funcional
A casa bela
A casa que conforta
A casa vazia
A casa cheia
A casa rodada
A casa herdada
A casa sonhada
A casa possível
A casa certa
A casa errada
A casa do vizinho
A minha casa
A casa dele

Ai, que saudade de casa!

A casa saudável
A casa de férias
A segunda casa
A casa partilhada
A casa só minha
A casa escondida
A casa invadida
A casa roubada
A casa improvisada
A casa planejada

○ ser – A casa
Laura Fragoso 2017

RESUMO

Esta dissertação faz parte da linha de pesquisa de poéticas interdisciplinares no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apresenta práticas artísticas, como ocupação, intervenção, e processos imersivos sobre o cotidiano que refletem nas características de um lugar poético. Estas ações tratam da relação de troca entre ser e espaço, por meio de improvisos na transformação e na composição de ambos, num respeito mútuo, na percepção do impulso e na espontaneidade como um momento de exposição e reconhecimento do indivíduo. Os processos artísticos se situam no campo da arte contemporânea e levam em consideração questões sobre: arquitetura (construção, abrigo, organicidade); tempo (enquanto duração); e, registro (fotografia, vídeo). O corpo teórico da dissertação é composto por referências nas áreas de conhecimento em teoria da arte, teoria do conhecimento, biologia, sociologia e filosofia.

PALAVRAS-CHAVE: Ser; espaço; improviso; arte contemporânea; fotografia.

ABSTRACT

This thesis is part of the research line of interdisciplinary poetics of the Postgraduate Program in Visual Arts of the Federal University of Rio de Janeiro. It presents artistic practices, such as occupation, intervention and immersive processes, about everyday life that reflect in the characteristics of a poetic place. These actions deal with the exchange relationship between a living being through the improvisation in the transformation and composition of both, in a mutual sense, in the perception of the impulse and in the spontaneity as a moment of exposure and recognition of the individual. The artistic processes are situated in the field of contemporary art and considers issues of: architecture (construction, shelter, organicity); time (as duration); and, record (photo, video). The theoretical body of the dissertation is composed of references in the areas of knowledge of theory, knowledge theory, biology, sociology and philosophy.

KEYWORDS: Being; space; improvisation; contemporary art; photography.

LISTA DE IMAGENS

Laura Fragoso - Reforma Casa XX Vinte (2015).....	12
Crisálida (2016).....	14
Crisálida em Gaveta (2016) - Registro fotográfico da obra.....	18
Gabriel Sierra - Estantes Interrompidos (2009).....	28
Lygia Clark – Trepantes (1965).....	31
Rochelle Costi - Quartos SP – 1998.....	32
Camilo José Vergara – <i>Tracking Time</i> (2013).....	43
Gordom Matta Clark – <i>Splitting</i> (1974) e <i>Conical Intersect</i> (1975).....	44
Monóculos.....	49
Detalhe – Visão interior dos monóculos	49
Imagens da experimentação do exemplo da instalação na aldeia.....	50
Exemplo da aldeia: esquema.....	52
Exemplo da aldeia: disposição.....	53
De Onde Vem Para Onde Vão.....	57
Exemplo de montagem com disposição das fotografias.....	58
Cao Guimarães – Gambiarras (2000-2014).....	60
Rochelle Costi – Desmedida (2009)	65
Fotograma do documentário da obra “The Moon Goose Analogue”, da artista Agnes Meyer-Brandis.....	67
Erwin Wurm – <i>One minute Sculptures</i> (1996 - 2017)	69
Fonte: <i>Google Images</i>	70
Walt Disney Concert Hall – Frank Gehry.....	72
Nelson Leirner – <i>Playground</i> (1969)	75
Felipe Cama - O Meu Eu Mesmo Faço (2006)	75
Laura Fragoso – Série Desvio à Esquerda (2017)	76

Gordom Matta Clark – Food (1971). Fotografia de Richard Landry. (Cuevas & Rangel, 2010).....	78
Cena do filme “Pendular” (2017)	79
Cao Guimarães – Gambiarras (2000-2014)	80
Canto	85
Desvio à Esquerda.....	93
Montagens.....	97
Série Pioneiria.....	102

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. ENTRE A TÁBUA E A CADEIRA.....	24
1.1 Fotograma 01.....	26
1.2 Fotograma 02.....	41
1.3 Fotograma 03.....	46
1.4 Fotograma 04.....	53
2. QUERENDO SENTAR.....	61
2.1 Para continuar sentando.....	62
2.2 E caber na cadeira.....	64
2.3 Como os outros sentam.....	66
2.4 Querendo sentar querendo sentar.....	70
2.5 Sentando.....	73
3. MINHAS CADEIRAS.....	83
3.1 PARTE 01.....	84
3.2 PARTE 02.....	95
4. CONCLUSÃO.....	108
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	112
6. ANEXO.....	115



Laura Fragoso - Reforma Casa XX Vinte (2015)

INTRODUÇÃO

Foi um convite sem grandes pretensões que me levou a focar a lente nos estranhos móveis e objetos que compunham aquele lugar. Uma casa em reforma, e o pedido para registrar sua lenta transformação de seis meses, me tornou *voyeur* do “cotidiano” dos trabalhadores da construção civil. Dentre fotografias e filmagens, foi possível notar o longo período que permaneciam naquele espaço em evidente transformação. Para além das paredes que elevavam, partes de um projeto presente na imaginação sobre que lugar aquele espaço viria a se configurar permanentemente, a cada dia, os inquilinos recombinaavam as matérias presentes gerando diferentes ambientações temporárias. Em minhas captações, notei que elas eram desviadas dos seus destinos planejados, virando cama e depois varal, virando banco e depois prateleira. Assim, surgia em meu arquivo, uma coleção de improvisos que demonstravam como os trabalhadores supriam suas necessidades temporariamente, donde surgiram minhas primeiras questões:

“Que relação os trabalhadores tinham com aquele espaço onde não apenas trabalhavam, mas também desempenhavam, diariamente, tarefas que, geralmente, seriam executadas em suas próprias casas?”

“De alguma maneira era percebido como casa ou lar? Qual o grau de intimidade?”;

“Existia ali, algum sentimento de propriedade ou pertencimento do espaço?”;

“Que impulsos ou razões os faziam modificá-lo, e atuar sobre ele de determinadas maneiras?”.





CRISÁLIDA

Em paralelo, havia de pensar em qual e como era o meu lugar. Recém mudada de Maceió, minha cidade natal, berço e ninho de toda minha família, encontrei no Rio de Janeiro um espaço para morar. Uma busca interna, que precisava ser externa, e me obrigava a fazer conexão. Com um quarto no Humaitá e pouco dinheiro para mobília, tentei plantar uma raiz e, aos poucos, me aconchegar. Fazendo uma gambiarra aqui e outra ali, veio Bachelard:

Mas, novamente, ninho, crisálida e roupas não formam senão um momento da moradia. Quanto mais condensado é o descanso, quanto mais fechada é a crisálida, quanto mais o ser que surge daí é o ser de um além, maior é sua expansão (BACHELARD, 2000, p.78).

A cola de isopor foi derramada sobre grande parte do meu corpo nu, e aos poucos escorreu para o chão. Começou a secar e endurecer... Então, um plástico transparente passou a me envolver; criou-se uma espécie de casulo que me impulsionou a ficar em posição fetal. Meu semblante era de conforto, de quem adormece e embarca numa viagem para dentro do próprio ser. A raiz estava plantada, e meu corpo se envolvia em proteção. Após algum tempo, como um despertar, comecei a me desfazer desta segunda pele, pois, viva, estava a me transformar. Um processo dolorido, oscilava entre movimentos brutos e lentos, um receio libertador.

Crisálida – a série fotográfica, é registro de uma performance que me fez renascer. A experiência de construir um casulo, agora faz parte de mim. A pele que aqui deixo, carrega minha digital.

Fechar-se para o mundo, recolher-se em posição fetal, cobrir-se com a própria identidade, que se enraíza no canto das primeiras lembranças do ser. Ressignificar. Desfazer-se da epiderme, pronta para explorar.

Descascar-se.

No Rio de Janeiro criei um quarto. Ele tem um mural com lembranças que acumulei. Tem minhas roupas, meu computador, alguns livros e a cama que escolhi. Quando preciso, eu tiro um móvel, varro o chão, e coloco um abajur. Se um dia me mudar, eu saio dele com uma leve dor na coluna. Levo a experiência de usar uma furadeira, adesivar um chão com papel contato, e uma boa sensação sobre morar no térreo. Levo alguns trabalhos de arte e algumas outras coisas que aprendi.



Registro fotográfico da obra

CRISÁLIDA EM GAVETA

Ano: 2016

Técnica: Escultura

CRISÁLIDA EM GAVETA

A memória de um lugar que criei e do indivíduo que fui, depositados numa matéria retirada do meu corpo. Uma lembrança que tenta reproduzir o que fui, e o que guardo em um canto da minha mente. A gaveta.

Nesse trabalho, com o material que foi retirado do meu corpo em Crisálida (cola e saco plástico), e com o auxílio de uma linha, reproduzi uma espécie de casulo e pendurei dentro de uma gaveta.

Formou-se uma escultura com este material genético “abandonado”, que representa parte de uma memória que me constitui, que faz parte da criação de minha identidade, e agora passa a ser observado como algo que já passou, uma experiência que vivi em alguma época, e que está guardado em uma gaveta, pedaço de minha razão. É integrante deste grande armário de lembranças, e será utilizado sempre que preciso.

O armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta. Sem esses "objetos" e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria modelo de intimidade. São objetos mistos, objetos-sujeitos. Têm, como nós, para nós, por nós, uma intimidade (BACHELARD, 2000, p.248).

Conhecimentos adquiridos durante minha graduação em arquitetura percorrem a construção deste texto. São matérias de pesquisa que combinam e recombinaem com outros pensamentos e experimentos, em um espaço de questionamento para a apresentação deste trabalho final.

Como elemento principal, que torna minhas fotografias e minhas instalações uma série de obras de mesma exposição, resultante desta pesquisa, está o improvisado - aqui visto como uma prática artística que transforma espaços em lugares poéticos. São ações que tratam da relação de troca entre artista e espaço, como uma conexão através de

experimentações sensíveis, que permitem a interferência mútua, e que, associadas ao tempo, podem constituir identidades e, conseqüentemente, linguagens, pela experiência mental; viram alvo de minha câmera, item de estudo e reflexão. Proponho, assim, a oscilação entre essas experiências no tempo, como prática e reflexão, para entender melhor como o imprevisto ocorre, discutir a sua função e importância no equilíbrio desta permuta entre artista e espaço.

Aceitei o desafio de me desfazer dos métodos convencionais para elaboração de projetos lecionados no curso de arquitetura, o que foi fundamental para problematização e aprofundamento no desenvolvimento de uma pesquisa de pós-graduação em artes visuais. Apesar do conhecimento técnico e da capacidade de planejar a construção de uma edificação de acordo com as possíveis necessidades do futuro habitante, nota-se que, por mais eficiente que seja, o processo de vivência conta com improvisos, muitas vezes imperceptíveis para quem o pratica.

Como fotógrafa, imersa no acelerado avanço da tecnologia digital, que, em parte, ainda sustenta a ideia de rastro¹, em busca de uma qualidade de imagem cada vez mais semelhante a real, da visão a olho nu, aceitei o desafio de transparecer a importância do contexto fotográfico, reposicionando minha mira em acontecimentos cotidianos que surpreendem, se nos permitimos sentir o entorno. Uma prática de captação do espaço, que se aproxima do imprevisto da construção, no que diz respeito à temporalidade, sem expectativa de um resultado pré-definido.

Minha investigação desses lugares com detalhes e características não-convencionais teve princípio na observação das vivências desprovidas do planejamento arquitetônico, que

¹ Em seu livro "A Fotografia – Entre Documento e a Arte Contemporânea", Rouillé descreve "Como o discurso e as outras imagens, o dogma de "ser rastro" mascara o que a fotografia, com seus próprios meios, faz ser: construída do início ao fim, ela fabrica e produz os mundos. Enquanto o rastro vai da coisa (preexistente) à imagem, o importante é explorar como a imagem produz o real" (ROUILLÉ, 2009, p.18).

tornam os improvisos mais evidentes. E, então, do ser que, na incessante busca pelo seu conforto, entra nos espaços e os modifica ao próprio gosto, revelando uma construção interligada às dinâmicas individuais, criando lugares. Lugares únicos que podem atender às suas necessidades, e que iniciam um processo empírico, consciente ou não, de adaptação desse espaço a partir da reprodução de suas experiências, imagem e imaginário. Um tipo de processo que cria para o ser, a possibilidade de se projetar no espaço e se perceber como indivíduo no lugar.

Merleau Ponty, em sua obra *O Olho e o Espírito*, identifica o ser humano como vidente e ao mesmo tempo visível. “Visível vidente, o corpo tem o poder de ver-se quando vê, vê-se vendo, é um vidente visível para si mesmo” (PONTY, 2013, p.282). Sob uma abordagem fenomenológica, o ver-se está sujeito à condição de ver, e esta, por sua vez, envolve desde aspectos físicos-biológicos, passando pela experiência, até o contexto cultural no qual está inserido o ser vidente. A questão não é exatamente o cenário construído que se vê, mas sim como o imaginário se associa ao ato de improviso para transformar espaços, e, finalmente, constituir lugares em que é possível perceber, e talvez ver, esse processo de constituição. Assim, para realização desta prática, é fundamental o momento da ação, a condição do fazer no presente, pois muitas vezes ao planejar – aquilo que se pretende fazer, pode ser construído numa expectativa de espaço, numa adaptação a um tempo futuro, e, assim, inexistente, enquanto o improviso atua de acordo com o presente, o real, fenomenológico.

Modificar esse espaço pode ser também encarado como conquista de territórios, desde o simples ato de hastear uma bandeira até a construção de um edifício. No entanto, pertencimento e posse são duas situações que independem da titularidade de territórios. Constituir um lugar, um canto, não significa ser “dono”. “Essas ‘maneiras de fazer’ constituem mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (CERTEAU, 1999, p.41). Por isso é que, nesse texto,

discuto sobre que práticas são essas que podem ser sintetizadas em ações artísticas, que transformam espaços em lugares poéticos.

Para isso, percorri com o olhar e registrei. Refleti sobre as imagens e conversei com alguns pensadores que li. Voltei a transitar, vivenciar e registrar. Dialoguei com alguns outros publicados, interfeirei, modifiquei e, como sempre, capturei. Ficaram, por aqui, teorias nas áreas da arte, biologia, sociologia e filosofia, principalmente em pensamentos de Bachelard, Merleau-Ponty, Michel de Certeau, Bergson e Lúcia Santaella. Em paralelo, um conjunto de obras autorais cujos processos se situam no campo da arte contemporânea e levam em consideração as questões que surgiram aqui.

A estrutura do texto foi dividida em três partes. Na primeira delas, recorri às origens dos processos de criação de imagens como propulsora das modificações espaciais e para exploração das motivações e significados. Para isso, elaborei uma discussão acerca do espaço, associando-o às percepções sensoriais do ser humano, onde é possível entender como ele é referenciado durante todo o trabalho. Em seguida, associei essa experimentação ao tempo, como propulsor da passagem do termo espaço para lugar, colocando-o sob uma perspectiva fenomenológica. Fechando essa primeira parte, encaminho o discurso para as percepções mentais, que se encontram no lugar e culminam na linguagem e em análises que fazem o uso de conceitos semióticos.

Em seguida, na segunda parte, volto-me para o estudo das táticas do improvisado que são utilizadas nos encontros entre o ser artista e o espaço. Faço um apanhado dos tipos de conhecimento que podem compor as características do ser e do espaço (biológico, social e filosófico), e como podem ocorrer estas ações, através de interferências, ocupações, apropriações, construções, etc. Faço uso também de referências de outros trabalhos artísticos visuais que propiciam esta discussão.

Por último, como mencionado anteriormente, por ser uma pesquisa teórico-prática, trato de experimentações que foram paralelamente realizadas por mim. Partiram de

vivências próprias, acompanhadas de interferências espaciais, seja através da fabricação de objetos, reposicionamento ou aplicação de materiais, e, ainda, na observação e registro, culminando em instalações, e séries fotográficas ou montagens. As obras criadas proporcionaram uma reflexão sobre os questionamentos levantados no decorrer do texto, servindo de incentivo para aprimoramento de meios construtivos, e busca da harmonização do ser com seu entorno.

1. ENTRE A TÁBUA E A CADEIRA

No fotograma² do lugar que vejo tem uma cadeira. Uma cadeira não convencional. Isso me incita a rebobinar o filme de sua fabricação. Vejo outro fotograma, e, nele, alguns tijolos, uma folha de janela, uma pilha de jornal, um encosto e um pilar. Ao apertar o play, tenho a sensação de perceber onde está o improviso. Bem ali no movimento, na ação. No passar dos fotogramas que se misturam.

Entre a tábua e a cadeira, o espaço e o lugar, estão as partes de um filme que, nesta sessão, foram destrinchadas. Nelas, faz-se análise da movimentação do ser e suas percepções acerca do espaço, do tempo, do lugar e das conseqüentes linguagens que surgem, como partes intrínsecas da relação entre ele e o seu entorno.

Uma investigação importante para entender a prática que está sendo discutida (a construção improvisada), e, mais adiante, investigar como ela surge, o que motiva um artista a utilizá-la, e como ele a executa no cotidiano. Quatro fotogramas servirão de guia.

Fotograma 01: O ser percebe o espaço através de sensações físicas. Com o corpo que capta ou “lê” os elementos à sua volta, antecedendo a consciência. Visão, audição, tato, olfato e paladar. Fenomenologia. Nesta parte, a busca de um significado para a palavra lar, faz uma travessia com algumas experiências e considerações, com uma reflexão que supre a pesquisa, sem a necessidade de aprofundamento no restante do texto.

Fotograma 02: O fator tempo como importante intercessor da vivência deste encontro, por sua capacidade de provocar a transição entre a captação sensorial do ser e o que ele compreende quando passa a assimilar características e a conceber lugares.

² Segundo o dicionário Infopédia, fotograma significa: 1. Quadro de filme cinematográfico; 2. Impressão em papel fotográfico por meio de câmera escura; 3. Imagem obtida por fotografia, para medição.

Fotograma 03: Sobre a percepção mental, quando o ser passa a identificar o espaço a partir de referências memoriais, e, assim, é capaz de defini-lo como um lugar.

Fotograma 04: Por fim, examina-se como é possível supor e prever características implícitas, através de linguagens e padrões associados a fatores subjetivos, tais como culturais, estéticos, sociais e biológicos.

1.1 Fotograma 01

Neste fotograma, tenta-se entender como o ser que atua neste filme percebe o espaço em questão. Ele discorre sobre um universo que existe independente das crenças e concepções que cada ser tem e constrói sobre ele, ainda que faça parte e seja capaz de modificá-lo. Uma ideia que se embasa no pensamento fenomenológico, como diz Merleau-Ponty acerca do espaço:

O espaço existe em si, ou, antes, é o em-si por excelência, sua definição é ser em si. Cada ponto do espaço existe, e é pensado aí onde existe, um aqui, outro ali; o espaço é a evidência do onde. Orientação, polaridade, envolvimento são nele fenômenos derivados, ligados à minha presença (PONTY, 2013, p.28).

Por esse ponto de vista, o ser que vivencia o espaço o experimenta através de seu corpo, antes de decifrar, por pensamento, o que foi absorvido. Os seus órgãos, então, captam informações sobre a luz, o cheiro, as ondas sonoras, as texturas, e gostos. O que, pela teoria evolucionista³, acontece desde o início do processo evolutivo, antes do

³ De acordo com a teoria evolucionista, os seres vivos sofreram diversas modificações ao longo do tempo, por um processo de seleção natural, onde os corpos mais adaptados às transformações do meio ambiente, sobreviviam e passavam suas características adiante.

desenvolvimento do raciocínio para o ser humano, tratando-se de processos instintivos, primordiais e ininterruptos.

Sendo assim, esta captação está presente na experiência que aqui está sendo estudada. Uma vez que os sistemas sensoriais não param de atuar, eles podem ser tomados como presentes, em movimento constante e, portanto, existentes em sua relação contínua com o espaço. Considero aqui que esta conexão entre corpos e matérias – essa troca de energia – gera informações que o ser tem como “material” disponível para associar, racionalizar e responder.

Neste trabalho, é importante ressaltar que o artista, enquanto ser que modifica espaços e exercita a criatividade, realça esta parte da experiência, e está aberto às novas percepções, sendo este uso sensorial momento de extrema relevância. A troca com o universo que o cerca, através dos sentidos, possibilita o contato com a origem do que vai sendo construído em consciência e pode impulsionar suas ações. É possível encarar como uma relação direta com o que seria considerado mundo real, independente e passível de manipulações. Ele tem a oportunidade de alterar esta base, recombina elementos, e criar lugares, para que se adaptem, ou possam gerar novas experiências.



Gabriel Sierra - Estantes Interrompidos (2009)

Em *Estantes Interrompidos* (2009), de Gabriel Sierra, algumas placas de madeira são apresentadas em diferentes formatações. É possível perceber essas placas, como matéria prima, sujeita à manipulação. Ao interferir e submetê-las a várias composições, surgem novas associações imagéticas atribuindo a elas novos conceitos e funções.

Assim, sentir o espaço aqui relatado numa primeira etapa, é percebê-lo desprovido de uma identidade, ou de referências. Ele está conectado diretamente ao âmbito da experimentação⁴ sensorial, se é colocado defronte à definição apresentada pelo Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008), que diz: Espaço: 1. Área que está no intervalo entre limites; 2 Lugar vazio que pode ser ocupado; 3. Ponto em que não há ou rareia aquilo que existe à volta; 4. Capacidade ou lotação de uma área; 5. Sítio de duração ou tempo que medeia duas operações ou atos.

Questiona-se: como encontrar os limites de intervalo que definem o espaço, já que o ato de definir é uma percepção mental? Não seriam limites maleáveis enquanto existe ação, e, neste caso, a prática do imprevisto seria ilimitada? E como definir o vazio sem se utilizar de referências, o que também passa pela experiência da razão? Em se tratando de tempo presente, o espaço, que não é apreendido mentalmente, existe e é passível de ação antes de se tornar lugar, o que pode colocá-lo mais uma vez sob a ótica da fenomenologia. Segundo Certeau (1996, p.202), “O espaço é existencial e a existência é espacial. Fenomenologia de existir no mundo. A experiência é relação com o mundo, no sonho e na percepção”.

Tomando como exemplo a visão, por ser o sentido mais utilizado pelo ser-humano⁵ e o mais explorado nas práticas desta pesquisa, e aplicando o pensamento de Merleau-Ponty, pode-se entender que, ao ver, o ser corre o risco de ser introjetado pelo que é visto, pois, a sua intelectualidade faz a síntese das coisas que sente, tornando-as diferente para cada um.

⁴ Experimento + ação. Trata-se de uma ação experimental

⁵ Segundo Kanashiro, a visão é o sentido mais utilizado pela espécie humana por proporcionar uma maior quantidade de informações (espaço, distância, luz, cor, contraste), e é através desse sentido que a maioria dos seres humanos analisa o ambiente no qual está inserido.

Diz ele: “Há que compreender o olho como a ‘janela da alma’. Só ela ensina que seres diferentes, ‘exteriores’, estranhos um ao outro, são, todavia, absolutamente juntos” (2013, p.34). Entendo, por isso, que a visão não é parte do pensamento, mas da experiência do olhar, porém, o que se vê só é apreendido após um julgamento formado no encontro com a “alma”. Dessa forma, o momento em que se olha um espaço ou qualquer outra coisa é um momento de cegueira, e, após o pensamento sobre a visão, aquilo não está mais sendo visto; dinâmica que se repete em todos os sentidos.

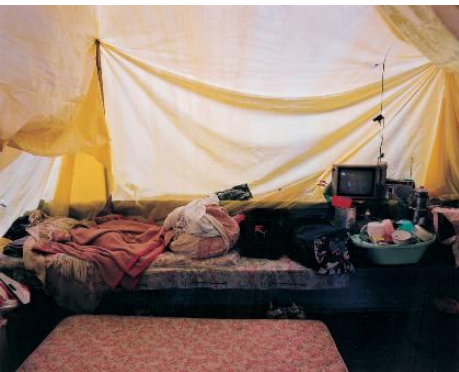
Desse modo, a percepção ocorre ao mesmo tempo em que as coisas existem. Um duplo onde o espaço que se apresenta para o artista, e artista se apresenta para o espaço, o que torna tudo que existe, sujeito a combinações de influentes e influenciados, concomitantemente. Nessa comunicação entre corpo e mundo, indissociáveis, o ser se coloca como vidente e ao mesmo tempo, visível. Ainda, segundo Merleau-Ponty (2013 p.20), “(...) ele mantém as coisas à volta de si; elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas na sua carne, fazem parte de sua definição plena, e o mundo é feito do próprio estofado do corpo”.

Se esse ser, artista, que busca suas origens na extensão de si mesmo, encontra, no princípio da existência, a experimentação do espaço, é possível dizer que neste encontro está o seu íntimo e a possibilidade de sentir e “retornar ao lar, à casa”? A casa poderia ser entendida como primeira instância, o primeiro lugar, o princípio da relação do ser com o entorno, que desencadeia suas ações para a percepção do que é o lar? Pela suspensão do espaço, ou seja, o olhar sem os significados culturais, sociais e biológicos. Bachelard, em “A Poética do Espaço”, reflete sobre a casa e diz que “Coloca-se de novo, por si mesmo, desde que voltamos (...) à própria coisa, desde que voltamos a sonhar com uma casa que cresce na mesma medida em que cresce o corpo que a habita” (2000, p.274).



Lygia Clark – Trepantes (1965)

Faz parte do movimento neoconcretista, essa preocupação com a sensibilidade, e a experiência da obra através da interação que vai além da observação do objeto. Não só o espectador é convidado e estimulado a manipulá-las, como o próprio trabalho pode criar um diálogo com o espaço, pois sua forma se adapta aos suportes disponíveis encontrados. É o caso de “Trepantes”, de Lygia Clark.



Rochelle Costi - Quartos SP - 1998

Rochelle Costi investiga a intimidade do lar na obra “Quartos”, apresentando uma série fotográfica que coleciona quartos de distintas classes sociais. Há de se pensar nesse ambiente como o mais íntimo e o mais reflexivo no que diz respeito à personalidade de um indivíduo.

entrevistas



ENTREVISTA SUZANNA TIERIE - 10 de abril de 2017.

Lounge do Flat Riema Paulista Classic - Rua Bela Cintra, 672 - São Paulo, SP.

10:30am.

LF - Quando você reconhece um lugar como lar? (...)

ST - Quando eu me sinto bem e à vontade no lugar. Eu posso chamar de casa. E eu sei que sou bem-vinda, sabe? É um lugar onde eu me sinto bem. Mais ou menos isso.

LF - Certo. Tá. Onde você vive? (primeira, e melhor pergunta) risos.

ST - Eu vivo no presente. Hoje em dia eu estou vivendo de casa em casa. Não estou com meu próprio quarto, (...) Estou vivendo onde os trabalhos estão me levando, e onde meus interesses estão me levando. (...) Onde eu me sinto bem eu fico um tempo (...).

LF - Maravilhoso. Como você vive?

ST - Eu vivo em equilíbrio, mas desequilíbrio também. (...) Eu acho que estou me dando conta que eu estou precisando de um lugar onde posso ter um pouco uma base, que eu sei que posso voltar e trabalhar e pensar, e...

LF - Você finalmente tá sentindo falta disso?

ST - (...) não encontro tanto tempo de pegar um momento para começar a pensar em próprios projetos, sabe? Eu estou deixando muito ser levada. E eu estou adorando, mas mais e mais eu estou sentindo alguma coisa dentro de mim que está falando "você precisa parar e você precisa decidir", sabe? ...

LF - Talvez não seja essa, a falta de lar? De sentir o seu lugar?

ST - Pode ser também...

LF - (...) Que coisas você carrega com você? Ou carregaria se fosse mudar para outro lugar?

ST - Minha máquina. (...) Meus cadernos.

LF - Seus cadernos de quê?

ST - Eu gosto de escrever. (...). Eu preciso escrever também, às vezes, para ver o quê que eu fiz, o quê que eu estava sentindo, o quê que eu tava vivendo naquele momento.

LF - Organizar, né?!

ST - Aham. Meus caderninhos.

LF - Entendi. Você acha que então, essa coletânea de cadernos e imagens, provavelmente formam a sua vida e o seu lugar nessa viagem constante, né?

ST - É.

LF - Talvez seja um lugar mutante, assim...

ST - Exatamente

LF - Um ser totalmente composto de vários lugares do mundo, né? Totalmente transfigurado.

ST - É. Pode ser.

LF - É interessantíssimo isso. É esse cenário, um dos cenários mais...

ST - (...) Eu gosto de colecionar. (...) Eu nunca sei mais. Ai meu Deus, de onde vem essa pedrinha? Risos. De onde vem essa concha? Aí eu saio com um chumbo, cheia de pedras e de conchas... Ai, é muito bom!

LF - Me identifico com essas coisas. (...) o Angapuá, não sei se você viu. Que eram uns monóculos, com uns objetos dentro, que eu fiz lá na aldeia que eu fui. Era um trabalho de colecionismo...

LF - Que coisas você coloca no lugar que você chega? Como você modifica ele?

ST - É... É difícil, sabe? Eu gostaria de... Ah! Eu já tenho o meu Palo Santo lá...

Aí eu acendo o Palo Santo e saio caminhando assim... Escondidinho com ele do meu lado, sabe? Pela casa inteira. Aí eu saio caminhando com meus novos companheiros de casa.. Aí eles olharam pra mim assim, e eles "Su, não precisa esconder, sabe?" risos.

LF - Interessante! É uma interferência olfativa, no final das contas. Olfativa e energética, né?

ST - É.

LF - Quê mais? Tem mais alguma...

ST - Livros. Eu deixo assim, às vezes os meus cadernos em um canto, depois em outro canto. Aí tenho livro num canto e num outro canto. É. Eu ainda não me sinto... Tem que ir sentindo, né? Como você pode ir se instalando.

LF - Sim. Até por que esse espaço, não é seu, né?!

ST - (...) A Ana sempre senta sempre nesse escritório. Aí eu fui sentar no escritório quando a Ana foi embora. E foi no dia que eu tava com a borboleta. Aí eu sentei no escritório e comecei a trabalhar nas minhas fotos, comecei a pegar os meus cadernos. Foi a primeira vez que eu realmente me instalei um pouco da maneira que eu gostaria, sabe? Para sentar, para pensar, para escrever. Olhar por volta de você. Conhecer o espaço, mostrar também como que gostaria de ser no espaço.

LF - risos. Como era o clima, ou o lugar onde você passou a infância. Como era esse lugar?

ST - É... são dois climas diferentes. Meu pai é holandês, minha mãe é brasileira, e eu nasci na Bélgica. Então, quando era pequenininha, eu nasci na Bélgica e fiquei um tempo na Bélgica, só que meus pais gostam de viajar, e de se mudar, e ir pra outros países. E eu logo fui quando eu nasci. Depois de duas semanas eu já (...) É... A minha infância tá muito marcada pelas culturas diferentes, pelas pessoas diferentes, pelas cores, pelas línguas

LF - Acho que de certa forma você tá vivendo o seu lar de infância, então. Nessa mudança constante de ambientes.

ST - Pode ser.

LF - Talvez seja um pouco isso, né, também. Por isso que você se sente tão confortável em tá fazendo isso.

ST - Eu acho que essa criança fascinada nunca saiu de mim, sabe? Eu continuo interessada e curiosa e com vontade de conhecer e aprender.

LF - É. Porque você aprendeu a viver assim, né? Por isso que você se sente confortável e sente um lar. Mesmo não sendo um espaço físico fixo.

ST - Umhum. Mas é difícil sobreviver, ein?!

LF - Não, eu imagino. Tá, então. (...) Quando você reconhece o lugar como lar? Quando você pode dizer "estou voltando pra casa"?

ST - Quando você está voltando para si mesmo, eu acho. Quando você se encontrou naquele lugar, você volta para aquela sensação que você teve antes, que foi um portinho seguro, sabe? Não sei se eu consegui me explicar, mas é mais ou menos isso, quando... É isso mesmo.

LF - Entendi. Fantástica Suzana, obrigada. Risos. Vou desligar aqui o gravador.

ENTREVISTA HANNAH SIMMONS - 19 de maio de 2017.

Praia de Ipanema, Rio de Janeiro – RJ.

02:47pm.

LF - Quando você reconhece um lugar como lar? Quando você pode dizer "estou indo para casa"?

HN - Então... Quando tem meu tapete de ioga no chão, e quando eu acordo e faz minha rotina de meditação, de ioga, e quanto tem meu vitamix... (um liquidificador muito bom) (...) E quando tem, comida que eu comprei dentro da geladeira (risos). É isso. Minha rotina... E algumas coisas que são muito especiais. E que preciso para viver, tipo meu liquidificador e meu tapete de ioga. Que mais?

HS - Eu viajo com meu urso de peludo

(...)

LF - A segunda pergunta... Onde você vive?

HS - Agora... Eu vive... Eu tenho minhas coisas em vários lugares, mas eu tô pagando aluguel agora então essa agora é onde vive... então... na casa de amigo em São Paulo até o novo apartamento em São Paulo vai estar liberado. Então eu estou numa fase de mudança, mas, como já disse, eu estava vivendo da minha mochila muitas vezes, mas agora estou buscando um lugar para botar minhas coisas até um ano, mas durante esse ano eu tenho certeza que eu vou viajar de novo.

LF - Impossível você ficar parada, né?

HS - Eu sei, eu sei... Mas eu quis ficar parada para focar nos meus projetos, porque se você está viajando, você não cria raízes para te estabelecer, para realmente materializar seus sonhos. Fica mais difícil, eu acho. Eu acho que ser humano tem que ter rotina para ser produtiva, se não, fica "o que eu vou fazer hoje?" fica muitas choices...

LF - Opções

HS - Muitas opções! Muitas decisões para tomar, e ser humano fica um pouco confuso, com todas essas opções. (...) Eu gosto desse tipo de viagem. Quando você vai num lugar, e fica. Não tipo. "Ah, uma semana", porque você não realmente absorve a cultura, as coisas... Então é uma forma mais legal de viajar. Ficar. Criar vida em cada lugar.

LF - Aprende a criar um lar em cada lugar, né?!

HS - Exatamente.

LF - Como você vive?

HS - (...) eu acho que eu vivo muito aberta para o universo trazer as coisas na minha frente. Eu... Tento viver no flow, e ter menos controle. Como "Ah! Eu tenho que ficar assim hoje". Eu gosto de ter controle em algumas partes da minha vida, mas eu tou percebendo que quando eu deixo mais fluir, coisas mágicas acontecem, e conexões, e oportunidades, e quando você tem essa confiança que o

universo vai te trazer coisas boas se você tem uma vibração alta, você vai encontrar coisas que você nunca teria pensado de encontrar. (...) Eu acho que esse estilo de vida não é para todo mundo.

LF - É, eu acho que o importante é se sentir bem, e feliz. Então, eu acho que tem gente que vive enraizada e não é feliz, mas tem gente que é. Do mesmo modo que tem gente que vive mudando e preferia....

HS - Tá enraizada

LF - é.

HS - Eu estou sentindo muito com dois mundos. Um mundo de viajar, com aventuras... E um mundo de ah... Vamos fazer coisas, e realizar sonhos. Mas eu acho que é bom de ter metas.

HS - Então eu acho que a vida tem que ter esses fluxos. De enraizamento e de viajar para abrir a mente. Porque as duas trazem coisas muito boas para pessoa.

LF - É um equilíbrio né?!

HS - É um equilíbrio.

HS - (...) Parece simples.

ENTREVISTA THIAGO VERARDI - 11 de novembro de 2017.

Apartamento onde Thiago reside, em Lisboa, Portugal.

02:55pm.

LF - Quando você reconhece um lugar como lar? Quando você pode dizer "estou indo para casa"?

TV - Falando pelo meu último lar, que foi aqui, o momento que eu me senti em casa foi quando eu coloquei aqueles postais [aponta para alguns postais grudados na parede]. Porque eu cheguei nessa casa, ela tava completamente vazia, e eu falei "vou colocar as coisas" e dormi aqui a noite. Estava me sentindo perdido, tava de ressaca... E eu dormi como foi um acampamento. Comecei a dormir. O momento que eu chamo de lar é quando eu começo a aplicar minha personalidade. Que eu tiro da mala... Porque para mim, todas as mudanças tinham isso. A primeira mala que você trouxe é o seu acampamento, depois você vai constituindo. E isso na minha vida mudou, mudou, mudou, porque eu me mudei muito. Então assim... O lar é o primeiro risco que você faz. É a primeira manhã que você acorda... UAU risos. É muito fluido.

LF - É... Acho que já tem muita coisa aqui, porque tipo... Você tá colocando suas coisas no lugar, então tem um certo apego material, mas é relativo à memória, relativo à sua personalidade talvez, não?

TV - É. Por mais que a memória seja de curto prazo. A partir do momento que você tem um lar pré-estabelecido, é o lar no momento. Quando você viaja para um albergue, um hotel... O que for. Para mim isso é tipo...

LF - Eles podem ser encarados, de certa forma, como lar?

TV - Sim. São sempre.

LF - Tá. Onde você vive?

TV - risos. Eu vivo na minha cabeça. Rrsrs. O lugar que eu estou, físico, é tipo uma... é um espaço conquistado. É um território. Não é um lar. Pronto. Aqui é meu território, meu pequeno território. Mas o meu lar, muitas vezes não foi aqui. Às vezes é fora, ou é aqui. O lar acho que é esse estado de conforto seu. De estar em paz.

LF - Conforto! Essa é uma palavra muito importante e muito recorrente em todas as falas. Então cada vez mais eu me aproximo desse estado de conforto como significado de lar. (...)

TV - Sim, sim. Mas não é o conforto físico, sabe. Já é o conforto espiritual. Que você tem demarcado. Aquilo é seu.

LF - Sim. Exatamente. Que vem, de certa forma também, do conforto do corpo, que reflete a mente, mas é. Não está só no externo, ela vem realmente, de dentro. É... Tá. Como você vive?

TV - Depende do meu espírito, depende da minha fase... Tipo, desde ontem eu não coloco o pé para fora de casa, e ok. Eu tô bem comigo. Eu tô tranquilo, de folga. Eu tô escrevendo... O que eu tinha

que comprar fora, eu comprei pela internet... Olha a influência da tecnologia para você não sair de casa. (...) Fiquei em casa. No meu lar, no meu conforto, na minha bolha. Porque é isso. Lar, para mim, é a sua bolha. Isso resume tudo. Eu sempre tô no lar, na minha bolha.

LF - Acho que a sua viagem digital, (...) não só no seu estado de sair como esforço físico, mas o que as pessoas outras pessoas podem ver, e você também. (...)

TV - É... Isso é muito verdade. (...) Para mim, o que fascina, é a interação social, e hoje você faz isso muito melhor trancado na sua casa. Tipo, eu não sou de me isolar, mas acho que a troca que eu tenho aqui ia sofrer interferência. Se eu estivesse num lugar fora, a gente ia ter uma troca com muito mais quebra de atenção. Então às vezes você tá muito presente no meio digital, no seu lar digital, e às vezes você tá muito presente no seu lar físico, em casa. E aí você está na sua bolha. E é a maneira, eu acho, mais fluida, de você interagir.

LF - Eu acho que tem uma ambiguidade do seu filtro. Do que você quer que as pessoas vejam ou não.

TV-- Eu falo "Vê a essência"

LF - Ver a essência? Risos

TV - É. Risos. E você vê você como você é ali. Na sua bolha. Porque depois fora, você tem o contato social, você tem as câmeras, você tem... sabe? E até quando você compartilha... Por exemplo, eu não sou muito de vídeo em casa, mas quando você compartilha uma foto da sua casa... é uma foto de uma bolha. Você coloca um efeito ali mais subjetivo, e acabou. Você não vê nem sua casa. Vê só uma aura, e é isso que você quer transmitir. Então nem visualmente se compromete.

LF - É disso que eu estou falando, por exemplo, esse filtro. Você mostra o que você quer, (...)

TV - Ai sim... Tem. É. Claro. Isso é uma máscara, né?! (...)

LF - Que coisas você carrega com você? O que carregaria se fosse se mudar para outro lugar?

TV - A carga energética, é o que a gente carrega, sobretudo sentimentalmente, porque... A sua mala, se você for com a sua mala pequena, é uma carga energética X, e se você for com um container, é igual. Então o que você leva de resto... (...)

TV - Pronto. É tipo... essa lâmpada vermelha, é uma coisa baratinha, comprei na tokstok, de repente aquilo mudou, e aquele outro abajur, a mesma coisa, que eu pedi para os meus avós trazerem, porque eu vim de última hora... eu falei "olha. Não vai dar trabalho nenhum" e pronto. E são esses objetos de conforto também, porque na minha mala tem várias pedrinhas, (...) qualquer coisa que é o seu lar, para você abraçar aquilo.

LF - Tem o objeto afetivo. Sem dúvidas. (...). E é muito doido, né?! Porque de certa forma, quando você se muda, você meio que morre de um lugar, e renasce em outro. (...). Elas continuam vivendo. É a morte de uma fase. Não de algo que parou e não vai acontecer mais, mas é uma transição.

TV - O que é o lar. Se não a bolha que você habita, os problemas que você vive, as coisas que você olha, porque é uma sociedade que você vive, outra que você sai... então. Qual é o seu lar? Se é o

lugar físico, ou digital que você interage com elas. Onde você está mais preocupado em passar seu recado? O Instagram, por exemplo, e aquela coisa do personagem. Se eu for um personagem, eu vou ser um personagem aqui, e não um personagem lá. Porque lá eu já não me importo, e lá o fluxo de interação entre pessoas na rede digital é muito maior.

LF - Essa discussão é muito importante, porque eu estou acostumada a ver, inclusive no meio das artes um lado muito negativo em relação às mídias digitais, e uma preocupação muito grande. E eu acho que isso é medo do desconhecido sim. E aí leio alguns filósofos, como Maffesoli, que diz não ter posição sobre a internet, mas mostra um lado otimista, de certa forma. (...) acho importante enxergar os dois lados de tudo. E a internet tem um lado positivo sim. Por mais que não exista a mesma interação que existe no mundo físico, ela dá uma certa liberdade ao ser, de ser quem ele é. Porque os grupos se multiplicam, e as diferenças também, e elas precisam começar a serem aceitas, por encontrar pessoas que vivem coisas parecidas em lugares diferentes. Isso é muito importante, eu acho.

TV - Eu concordo plenamente. É uma interação que está ali no seu território geográfico, mas hoje o território geográfico está completamente aberto. Você pode deixar as pessoas entrarem ou não. Isso me fascina.

LF - Pois é. E essas coisas que você diz, por exemplo, que carrega poucas coisas porque pode se mudar de repente. Acho que faz muita parte da nossa geração. Que faz parte da internet, que está priorizando experiências, ao invés da matéria. Enfim... Que coisas você coloca no lugar que você chega? Como você modifica ele.

TV - Se eu chegar numa mesa de bar para tomar uma cerveja, eu vou modificar aquele lugar. (...). Mesmo sendo muito sutil, faz coisas que as pessoas vão lembrar para sempre, apesar de não se incomodarem ou se emocionarem. (...) E por isso que tenho tantos amigos, e tantos lares. De fato, elas não me esquecem. (...)

1.2 Fotograma 02

Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram. (...) Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais (CERTEAU, 1994, p.202).

Levando em consideração o item anterior sobre o espaço como experimentação sensorial, acompanhado da fala de Certeau, o tempo é de extrema importância para o entendimento de dois termos aqui são abordados, espaço e lugar, uma vez que ambos são colocados na perspectiva fenomenológica. Acompanhando estes pensamentos em discursos filosóficos de Santo Agostinho e Bergson⁶, o tempo é visto como a percepção do presente enquanto o passado termina no corpo e o futuro continua a partir dele, ou seja, o presente é a sensação do passado (o que vem antes) somado à uma projeção do futuro (o que viria depois). Por isso que, de uma forma simples, o espaço foi relatado, aqui, como algo diretamente conectado ao presente, tornando esta parte da experiência unicamente responsável pela constante experimentação sensorial e pela ação, restando para as outras partes a sua qualificação no passado ou no futuro, em percepções racionais. Nas palavras de Bachelard:

Às vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo, que no próprio passado, quando vai em busca

⁶ De acordo com Santo Agostinho: "O que agora parece claro e evidente para mim é que nem o futuro, nem o passado existem, e é impróprio dizer que há três tempos: passado, presente e futuro. Talvez fosse mais correto dizer: há três tempos: o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro. E essas três espécies de tempos existem em nossa mente (...). O presente do passado é a memória; o presente do presente é a percepção direta; o presente do futuro é a esperança" (AGOSTINHO, 1996, p.327-328). E Henry Bergson diz: "e o que chamo "meu presente" estende-se ao mesmo tempo sobre meu passado e sobre meu futuro. Sobre meu passado em primeiro lugar, pois "o momento em que falo já está distante de mim"; sobre meu futuro a seguir, pois é sobre o futuro que esse momento está inclinado, é para o futuro que eu tendo" (BERGSON, 1999, p.161).

do tempo perdido, quer "suspender" o vôo do tempo (BACHELARD, 2000, p.28)

Se o ser só é capaz de viver a realidade no presente, pode-se pensar que o corpo e as matérias carregam todos esses registros, e eles se influenciam reciprocamente. O espaço desprovido de associações, mantém esse status enquanto ocorre a troca, sujeito às suas transformações e capaz de transformá-lo de volta, uns e outros compõem infinitos *fotogramas*, com diferentes seres, matérias, filmes. Já a capacidade de compreensão desses lugares ou composições acontece sempre em referência ao passado, e também pode provocar a tentativa de previsão do futuro, na expectativa de enxergar-se nos lugares, um momento de identificação, relação com o que já é conhecido.

Nesta concepção, passa-se a considerar aqui que o tempo e a experiência jamais se repetem, e suas diferenças tendem a se acumular na medida em que as transformações se acumulam na memória. Tanto o tempo é capaz de modificar essas composições que, quanto mais ele se reapresenta em razão, maiores ficam as diferenças e mais fácil fica de enxergá-las. Quando, por exemplo, encontra-se com o que seria um mesmo espaço de uma vivência com anos de diferença, experimenta-se uma série de sensações diferentes, e se passa a conhecer um novo lugar. Têm-se, no mínimo, um corpo diferente, que enxerga de uma outra perspectiva, ou que não se desloca entre vãos com a mesma facilidade, ou, ainda, que faz julgamentos e associações com memórias que não haviam ocorrido. Nas palavras de Bergson, "Pode-se afirmar que a amplitude da percepção mede exatamente a indeterminação da ação consecutiva, e conseqüentemente enunciar essa lei: a percepção dispõe do espaço na exata proporção em que a ação dispõe do tempo" (1999, p.29).



Camilo José Vergara – *Tracking Time* (2013)

Assim, cada característica experimentada sensorialmente é atrelada a outras características pertencentes ao campo da memória do ser, que de alguma maneira os codifica internamente, passa a fazer associações, e a identificar-se. É o que aqui chamei de transição de espaço para lugar.

Quanto ao tempo futuro, este lugar que se forma em nosso interior, também pode antecipar os acontecimentos, pois, trabalhando em cima de reconhecimento de padrões em suas lembranças, surgem pré-visões. Trata-se de um cálculo que analisa as probabilidades e induz a movimentação seguinte, planejada. Então, o artista que atua no espaço, antecipa o momento de execução por pré-visões e as confirma no passado, após compreender o que acaba de ser visto. Eis que, quando se dispõe em frente a um espelho, este não representa a auto visão, mas uma imagem interpretada no pensamento como reflexão.

Diante disso, acredito que enquanto acumulam conhecimento e criam sua história – o ser e sociedade – tendem a se concentrar na antecipação dos acontecimentos, automatizando ações e, muitas vezes, pulando etapas construtivas através da racionalização. Na automação de atividades corporais, podem tornar irrelevante o conjunto de experiências sensoriais que acontecem no dia-a-dia. Ao longo deste trabalho é possível refletir sobre problemas que podem surgir a partir desta dinâmica. Enquanto o artista, que aqui é referenciado, vive uma relação não linear com o tempo, ele procura se desfazer das associações óbvias que os costumes sociais o apresentam, e busca permanecer o mais próximo possível da experimentação, da origem, construindo a cada percepção sensorial, reeditando essas associações.

É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de uma duração concretizados em longos estágios. O inconsciente estagia. As lembranças são imóveis e tanto mais sólidas quanto mais bem especializadas (BACHELARD, 2000, p.29).



Gordom Matta Clark – *Splitting* (1974) e *Conical Intersect* (1975)

Em *Splitting* e *Conical Intersect*, Gordom Matta Clark interferiu em edifícios que faziam parte da explosão da construção imobiliária, pós anos 50, nos Estados Unidos, mas que não possuíam nenhuma função pública e, aos poucos, iam sendo abandonados. A ideia de progresso pela superprodução se fazia, de certa maneira, “cega” às reais necessidades do espaço urbano, e da população. Gordom perfurou e partiu edificações inteiras, criando possibilidade de interação entre o espaço interno e externo.

Considerando a teoria do Eterno Retorno de Nietzsche, vista por uma série de interpretações diferentes a partir de variados campos de estudo, como a ciência, a religião, a metafísica, a psicologia, e a própria cosmologia, e escapando a necessidade de definição do real significado, pode-se fazer uma importante associação com o tempo, mais especificamente com a temporalidade como essência da vida humana, se existe essa busca pelo sentido existencial. O tempo, visto como vetor de passagem, impermanente e inconsistente, resulta numa dificuldade de aceitar a impossibilidade de mudar o passado. Assim, surge o paradoxo de que a temporalidade, ao mesmo tempo que dá consistência à vida humana, põe o ser humano como vulnerável, incapaz de modificar o passado, de definir o futuro, e, ainda, de compreender o presente. Nietzsche conta a história de um homem que recebe a revelação de um demônio, de que a vida que ele vive, voltará a vivê-la infinitamente, com todas as suas alegrias e tristezas. Ao meu entender, revela-se uma proposição para que essas buscas de conhecimento e domínio do tempo, reflexos da modernidade em geral, sejam superadas pela vontade e aceitação dessa impotência, como possibilidade de manter uma relação com o tempo e com a vida. Seria uma possibilidade de viver cada instante da vida com tudo que ela tem, e em harmonia com o entorno, sendo o imprevisto, ação inevitável desta atitude. Então, questiono se o artista aqui relatado seria o *Übermensch* (traduzido para super-homem ou além do homem), que tem essa ideia de eterno retorno, de alguma maneira revelada, e vive em plenitude? Inspirado na filosofia

niilista de Schopenhauer estaria Nietzsche, encontrando a astúcia na forma de lidar com o tempo, da mesma maneira que o artista encontra para lidar com o espaço?

1.3 Fotograma 03

O conceito de “lugar” aqui abordado surge no campo da percepção mental, onde é referenciado e constituído de características que o identificam e o posicionam. Portanto, é empregado como algo que se delimita, tornando possível a sua apreensão. Como dito anteriormente, o lugar se encontra no campo da memória e da especulação, assim, remete ao passado e ao futuro. Segundo Certeau, “Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar” (CERTEAU, 2000, p.201). Impera a lei do próprio. Um lugar é, então, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade.

A partir das considerações anteriores, pode-se dizer que o espaço que se converte em lugar, passa por infinitas definições e apreensões de quem o vivencia, modifica, relata e apreende; como exemplo, eles podem ser identificados a partir de sua posição geográfica, relacionado à posição no universo, ao planeta, países, estados, cidades, bairro, e se definindo por métricas cartesianas, também pela condição geográfica, clima, relevo, vegetação e hidrografia, pode ser pela paisagem natural versus urbana, e visto a partir de diferentes escalas e utilidades. Todos os elementos que o constituem, o modificam, incluindo seres vivos que nele circulam, como o ser humano.

Nessa relação com o espaço, surgem ainda mais referências classificatórias - os contextos culturais e sociais, gerando definições de espaço como público, privado, comuns, coletivos individuais, seletivos, proibidos, obrigatórios, de passagem, de permanência, de contemplação, de conflito, educacionais, comerciais, residenciais, recreativos, e assim por

diante. Todas essas informações, no ponto de vista da semiótica⁷, são signos percebidos pelo ser e compreendidos individualmente, como parte de mundos únicos com diferentes sentidos.

Se discutido o pensamento racional, associado à teoria científica, a qual busca a verdade por meio de evidências, tudo é dividido e ordenado baseado em relações e as coisas sempre são entendidas segundo o mesmo critério, este, passível da matemática. Neste seguimento, segundo a teoria mecanicista de Newton, o mundo é visto como um grande amontoado de coisas reunidas como peças de uma máquina de grandes proporções, em que tudo é possível de ser reduzido, tudo é divisível, e a união desse divisível é que forma o mundo. Sendo assim, acredito que é desta forma que a percepção mental constitui o lugar. O ser que o concebe no pequeno universo individual, divide, ordena e o classifica, e no decorrer do tempo, continua a criar subdivisões que se ramificam e se multiplicam, num desenho que percorre uma historicidade individual e mutável.

Se mais uma vez se pensa no Eterno Retorno, e na ideia de um tempo cíclico, coloca-se o tempo nesta métrica definida por relações, onde existe uma ordem fractal, que define os minutos, horas, dias, anos... como se o ser humano enxergasse, nesses recomeços dos retornos, uma possibilidade de reviver uma experiência. Mas, ainda sim, ela é deixada para traz, em ciclos cada vez maiores, de séculos, milênios, eras. Como se os estudos de religião, ciência e outros, buscasse, uma origem para isso tudo? Um início que servira de “base” para relacionar outros acontecimentos da história? Acredito que o mesmo pode acontecer na vivência do espaço, onde um ser busca relacionar suas experiências com outras para

⁷ Segundo o dicionário Priberam da Língua Portuguesa é: 1. Ciência dos modos de produção, de funcionamento e de recepção dos diferentes sistemas de sinais de comunicação entre indivíduos ou coletividades. = SEMIOLOGIA. 2. Esta ciência aplicada a um domínio particular da comunicação. Signo na posição da semiótica. De acordo com Santaella: "O nome Semiótica vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer signo. Semiótica é a ciência dos signos (...) signo, linguagem. A Semiótica é a ciência geral de todas as linguagens"; "É no homem e pelo homem que se opera o processo de alteração dos sinais (qualquer estímulo emitido pelos objetos do mundo) em signos ou linguagens {produtos da consciência}" (SANTAELLA, 1923, p.13).

perceber e definir o lugar. Uma ordem fractal permanente de coisas que influenciam em tempo e espaço. Tudo se transforma eternamente.

angapuá

→

Desenvolvido no conhecimento ocidental, o pensamento cartesiano supervaloriza o entendimento de lugar, buscando sempre enquadrá-lo em uma de suas classificações para legitimá-lo como real. Já a prática artística se aproxima das dinâmicas orientais, as quais buscam o equilíbrio entre os dois tipos de percepção: a sensorial e a mental, passando de espaço para lugar, e lugar para espaço, numa tentativa de harmonizar-se com o universo. A intuição e a razão são entendidas como complementares.

Por Lugar, Certeau entende uma posição ocupada pelo historiador, ou seja, um —lugar de produção socioeconômico, político e cultural, que significa que aquele que produz ou "fabrica" a história não está livre de uma esfera de circunscrição com determinações próprias, que o submetem a imposições enraizadas em muitas particularidades. É em função desse lugar que se instauram métodos e se delinea uma topografia de interesses, pela qual os documentos e as questões que lhe serão propostas se organizarão (ADRIEL, 2015, p.205).



Monóculos



Detalhe – Visão interior dos monóculos



Imagens da experimentação do exemplo da instalação na aldeia

ANGAPUÁ
Ano: 2016
Técnica: Instalação

Nos palcos, múltiplos holofotes concedem o livre-arbítrio e pressionam a capacidade de concentração do espectador. À medida que nossos olhos se fecham dentro dos feixes de luz, o espaço expositor micro evidencia os detalhes da obra. O foco é único e somos coagidos a ter atenção. Um conjunto de objetos revela a identidade de sua origem. É através das minúcias nos diversos enquadramentos que, pouco-a-pouco, se constrói o cenário da aldeia Pataxó-Pará. Nessa obra, os monóculos são veículos de transição entre o micro e o macro que escancaram realidades geralmente despercebidas diante do festival de luzes cotidiano – imagens que transcendem o espaço físico e se multiplicam no digital, recebendo o nome “Angapuá”, que na língua *Patxohã* significa curioso.

Durante o II Festival Internacional de Tecnoxamanismo, ocorrido na aldeia Pataxó Pará em Caraívas, Bahia – Brasil, distante de centros urbanos, onde a recém-chegada internet ainda demora a funcionar, um grupo de pessoas de diferentes estados e nações se encontrou para discutir arte, tecnologia, o futuro e o ancestral, em um lugar onde a cultura apresentava

diferenças ainda maiores que as dos próprios visitantes, com intuito de aprender, trocar, ajudar e evoluir juntos.

A percepção do tempo virou forte item de discussão.

Primeiro pela forma como os índios lidavam com as tarefas do dia-a-dia, desligados do marcador oficial da maioria das populações, o relógio. Suas referências eram o clima, a luz natural e as necessidades que surgiam, dinâmica que afetou a execução da programação de atividades elaborada para o evento.

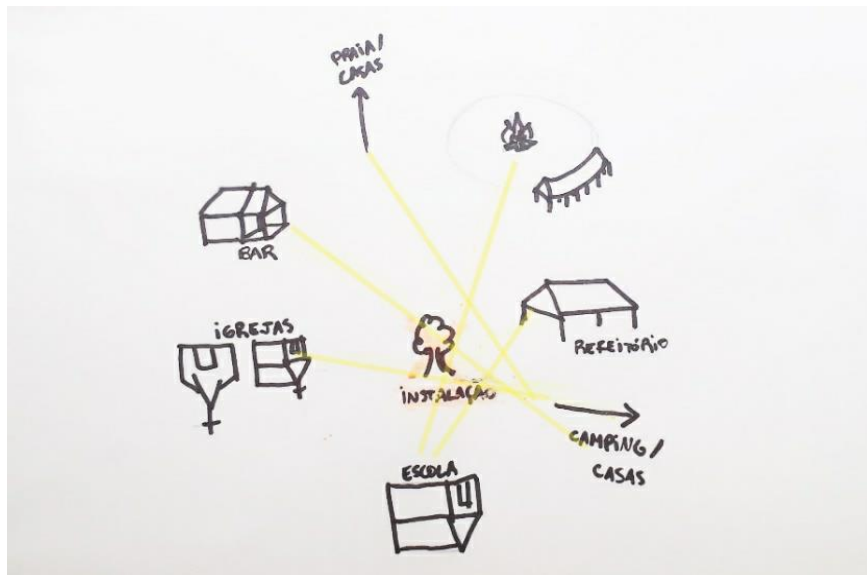
Segundo porque causou, na maioria de nós, a sensação de dias com tempos mais longos. Em ambas situações é possível notar a importância da ação, do presente, refletida na percepção dos índios sobre seu entorno, vivenciado de acordo com suas necessidades, respeitando o universo que os cerca. Quanto a nós, visitantes, provocados a seguir esta dinâmica, digeríamos muito mais conteúdo novo a cada momento. Era necessário prestar atenção nessas novidades para adequar-se, entender como e o quanto era possível modificar no espaço, e prestar atenção em cada detalhe que nos cercava.

Eu havia levado para aldeia um conjunto de monóculos brancos, e comecei a recolher pequenos elementos que encontrava nos meus caminhos, nas minhas descobertas enquanto experimentava o espaço, colocando-os dentro dos monóculos para observá-los mais de perto. Entre elementos naturais e artificiais, esse exercício permitiu o aprofundamento da minha percepção espacial. Após o preenchimento de todos os monóculos, os pendurei em uma árvore que escolhi, num ponto de grande circulação dos moradores e visitantes, o que chamou a atenção de todos e despertou curiosidade para testá-los.

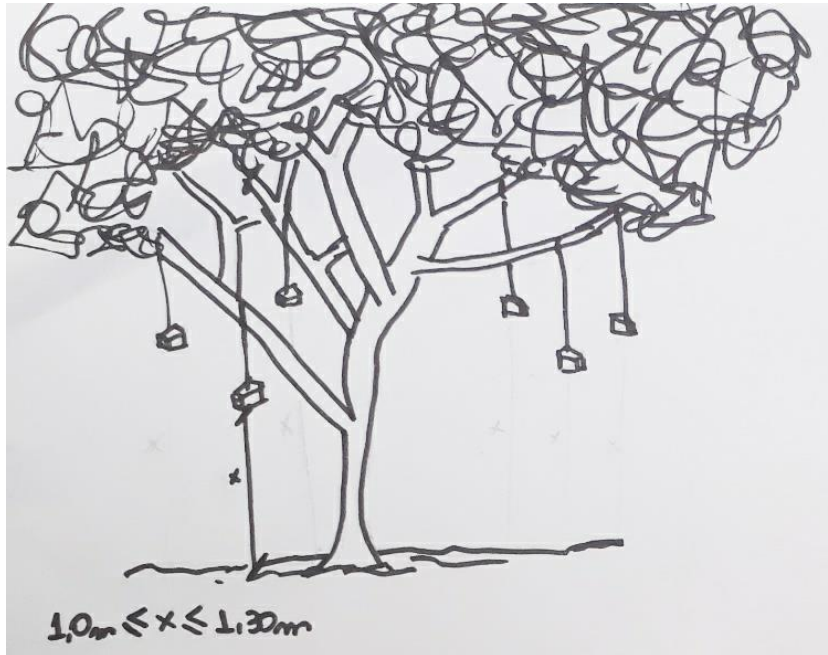
Processo de instalação:

- a) recolhimento de pequenos elementos, naturais ou artificiais, encontrados no lugar onde será feita a instalação.
- b) colocação dos elementos dentro dos monóculos brancos. A quantidade é variável, mas para esta experiência da aldeia, foram utilizados 40, no tamanho 856mm × 248mm.

- c) escolha de um ponto de grande circulação para as pessoas que vivenciam este espaço, e que tenha algum suporte ou possa ser montado um suporte para pendurar os monóculos
- d) pendurá-los em alturas variadas com distância do chão entre 1m e 1,30m.
- e) é necessário que haja luz no lugar. Caso não exista luz natural, providenciar uma fonte de luz artificial para ser utilizada no fundo do monóculo, possibilitando sua visualização interna.



Exemplo da aldeia: esquema do ponto de circulação com suporte (árvore) encontrado para instalação



Exemplo da aldeia: disposição dos monóculos instalados no suporte, e suas alturas

1.4 Fotograma 04

Acredito que, no meio artístico, pode-se perceber a capacidade de atribuir diferentes significados aos itens percebidos, e, junto aos significantes, criar a possibilidade de modificar os signos imagéticos, a linguagem. É possível destacar a ênfase nesta ressignificação imagética, na expressão artística que surgiu no período da arte moderna, no séc. XX, quando o espaço apreendido passou a ser explorado e externalizado em composições abstratas, que escancararam a participação do indivíduo autor da obra. Esta, mais uma vez, passa a se formar dentro do ser de acordo com a sua capacidade de apreensão dos significados e signo, e amplia as interpretações do público.

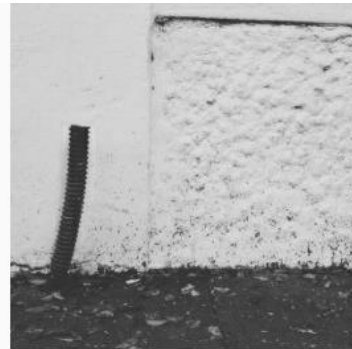
Por isso, acredito que, ao contrário da intenção artística, os signos criados pelos sistemas e regras definidos na sociedade, tentam considerar um senso comum e igualitário, como a própria escrita, o que põe em dúvida, dentro da perspectiva fenomenológica aqui

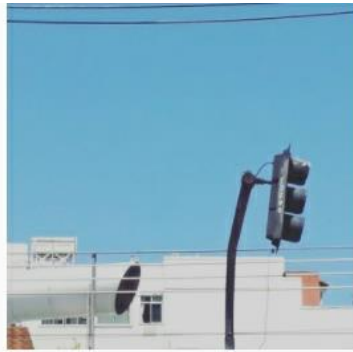
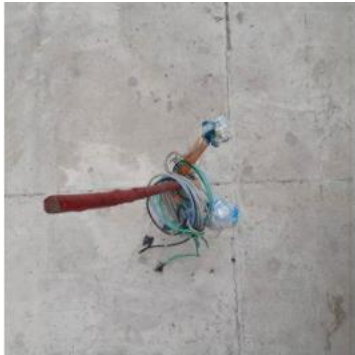
abordada, sua possibilidade de concretização, pois o espaço não se define e o lugar está em constante transformação, essa veracidade pode ser repartida em diversas ramificações de subdivisões classificatórias racionais intermináveis.

#deondevemparaondevaio_____ →

Assim, questiona-se como o ser faz para guiar suas ações e instintos de sobrevivência, existência e realidade. Se é através desta busca no espaço, de coisas que atendam às suas necessidades, desde o mais essencial fisiológico, passando por segurança, relacionamento, estima, até a realização pessoal que a resposta se encontra. Nessa busca de conquistar o conforto, pode-se perceber que os espaços que constituem lugares podem se definir pela permissão, execução e facilitação de tarefas cotidianas, onde ele se enxerga, cria afeto, e a sensação de domínio. Acerca dessa adaptação, Bachelard apresenta a seguinte metáfora, observando a construção do ninho pelo pássaro:

A ferramenta, realmente, é o próprio corpo do pássaro, é o seu peito com o qual ele aperta e comprime os materiais até torná-los totalmente dóceis, até agregá-los, sujeitá-los à obra geral."1 °7 Michelet nos sugere a casa construída para o corpo, pelo corpo, tomando sua forma pelo interior, como uma concha, numa intimidade que trabalha fisicamente. É o interior do ninho que impõe sua forma. "No interior, o instrumento que impõe ao ninho sua forma circular não é outra coisa senão o corpo do pássaro (BACHELARD, 2000, p.113).







De Onde Vem Para Onde Vão
Ano: 2016 - 2017
Técnica: Série fotográfica

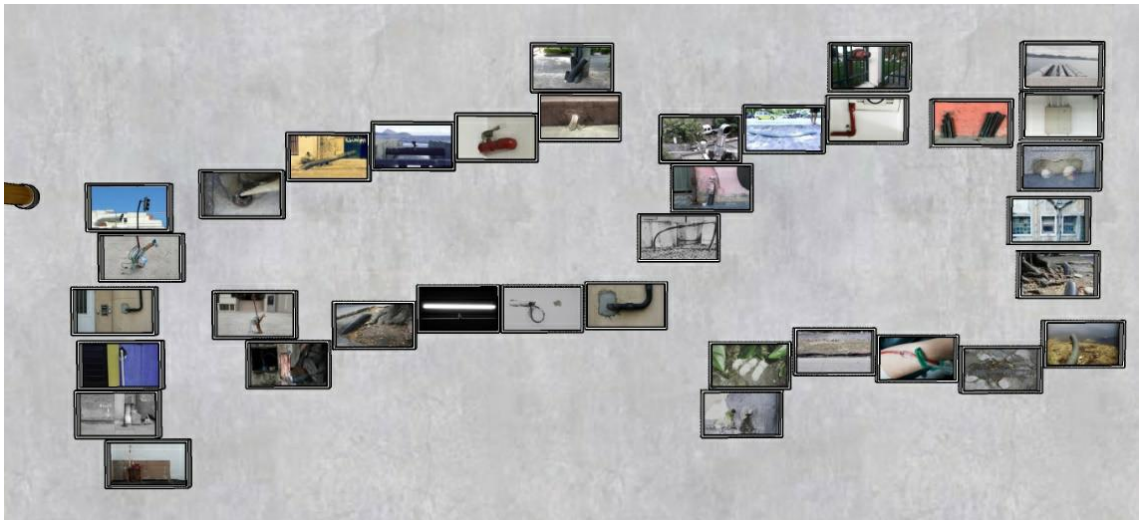
Aqui, é perceptível o uso da fotografia, da intervenção no cenário registrado, a ligação com o íntimo, o destaque de elementos efêmeros e dos detalhes, e o colecionismo.

Esta obra é uma coleção de fotografias chamada “De Onde Vem para Onde Vão”. Iniciada em 2016, com o registro de um grande tubo de ar que surgia no meio de uma calçada no centro do Rio de Janeiro, e terminava solto no ar. Fiz uma postagem na rede social *Instagram* acompanhada da hashtag “*deondevemparaondevao*”. Desde então, passei a registrar esses canos, fios e tubos, que encontrava em meu caminho, dando continuidade às postagens. Os detalhes dos espaços urbanos ganharam destaque por sua apresentação fora do padrão convencional. Canos e fios que “improvisados” exercem suas funções para atender às necessidades dos habitantes, e que se camuflam despercebidos no costume e correria do dia-a-dia dos cidadãos. É curiosa a impossibilidade de verificar sua origem e/ou

seu destino, fator que reforça a atemporalidade ou a temporalidade presente, deste contínuo que conecta tudo e todos e só é perceptível aos nossos sentidos físicos, ali. A dinâmica continuou, e é vigente. Passei a receber imagens de outras pessoas que passaram a associar estes elementos ao meu trabalho, e também começaram a se conectar em diferentes lugares do mundo.

Um símbolo criado, e a própria falta de definição.

A obra final consiste na montagem dessas fotografias, em uma suposta continuidade entre uma e outra, como representada no esquema abaixo.



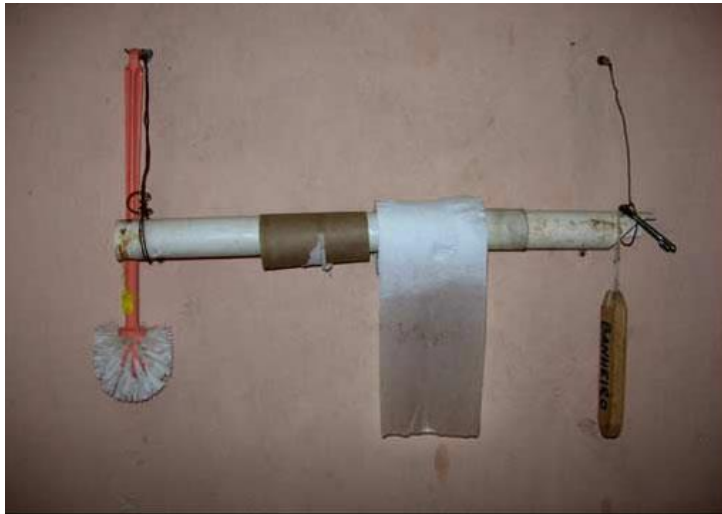
Exemplo de montagem com disposição das fotografias

Tem-se, assim, que o encontro do ser com o espaço passa pela interação sensitiva passível de experimentações das qualidades dos elementos presentes, passa pela racionalização para atribuição de significados que se referem à memória de algo pré-estabelecido socialmente, a tentativa de classificação científica, e então passa pela

inteligibilidade e formação de signos, através do qual representa e interpreta o mundo. Nessa medida, acredito que os signos formam linguagens espaciais que acompanham a humanidade no tempo e que continuam a se transformar. Percebe-se que os seres vivos se relacionam entre si e com o entorno, em espaços e no tempo, e entre disputas e afinidades; eles se subdividem em grupos ao mesmo tempo que dividem os lugares que vivenciam. Entre batalhas físicas e psicológicas, as separações julgam e excluem de acordo com cores, capacidades físicas, intelectuais, ou, ainda, pelos símbolos visuais que se associam a padrões de comportamento aceitos e rejeitados pela normalidade do coletivo.

Penso aqui no espaço artístico voltado para criação de novas linguagens que questionam, provocam, e buscam harmonizar com a realidade presente. O ser que trabalha o significativo altera o significado e se torna possível constituir de novos signos, que acompanham e equilibram a troca dos elementos deste universo. Eis que surgem os furos às regras. Entre planejamentos científicos, e a tentativa de dominar o espaço, expelindo objetos de necessidades inalcançáveis aos lugares e seres individuais, surgem as táticas que se apropriam do que é oferecido, e continuam rebatendo esta disputa com alterações significativas, distorções e adaptações que brotam nas necessidades do improvisado.

(...) lugar de poder, lugar teórico e lugares físicos (...) Resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo; as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder (CERTEAU, 1994, p.102).



Cao Guimarães – Gambiarras (2000-2014)

Em “Gambiarras”, Cao Guimarães apresenta uma série fotográfica de objetos improvisados no cotidiano. São utensílios domésticos que se destacam pela junção de elementos de diferentes origens e funções. Suas configurações são particulares e satisfazem ocupando a posição do objeto de desejo inalcançável, inicialmente desejado .

2. QUERENDO SENTAR...

O emprego da palavra “ser”, nessa pesquisa, leva em consideração o tempo de ação, o presente, que, assim como o “espaço”, não se define nem se caracteriza, enquanto a palavra “indivíduo”, pode ser associada a um conjunto de fatores determinados, como o uso da palavra “lugar”, composto de uma identidade, ao passo que a individualidade seria entendida como local onde se organiza a multiplicidade da vivência.

Há diversos fatores que podem definir essas características, ligados a teoria do conhecimento, a perspectiva biológica, social e filosófica, ou que, nesse estudo, servem para análise dos impulsos que provocam as ações relacionais do ser que improvisa, o artista.

2.1 Para continuar sentando

A busca de conhecimento seria a motivação que leva o ser a se relacionar com o espaço para viabilizar a sua sobrevivência, a sua continuidade no tempo.

Acredito que o ser que constrói o espaço ou o apreende com conhecimentos já adquiridos, racionalizados, ou fornecidos de outras maneiras que não através da experimentação, tende a ignorar a etapa de conhecimento pela atuação, na utilização do subjetivo, na troca direta de sensações com o entorno, que seria a troca sensorial com o espaço, descrita anteriormente neste trabalho, e estaria abrindo mão de exercer ou obter o tipo de conhecimento artístico, em particular, através do improviso.

Para entender porque a arte é considerada um tipo de conhecimento, e a importância que ela possui neste processo de construção improvisado, utilizo, nas palavras de Jorge Vieira Albuquerque, o conceito de “*unwelt*”:

(...) significa ‘o mundo em volta’, ‘o mundo em torno’. Ou seja, repetindo isto: cada espécie viva vive num mundo particular dela dimensionado pela sua história contida e, portanto, elabora a realidade de uma certa maneira que pode ser bastante diferente da maneira como outras espécies elaboram (ALBUQUERQUE, 2009 p.15).

Ainda em seus argumentos, defende num ponto de vista evolutivo, que o *unwelt* humano passou a elaborar sua realidade não só de forma biológica, mas a partir da racionalidade, e que a arte estaria presente desde o início da existência humana, enquanto os outros tipos de conhecimento, ligados à razão, seriam mais recentes. O quarto fotograma descrito anteriormente, onde se formam os símbolos, os sistemas, e regras e definições, seria, assim, parte deste conhecimento.

A tentativa de construir um lugar a partir da razão surge da intenção de encontrar a verdade sobre o que é real no universo, a partir da congruência, de combinações das apreensões biológicas constatadas pelo maior número de seres também racionais, uma metodologia de comprovação científica, que, querendo ou não, necessita do conhecimento humano, parte de seu *unwelt*, o biológico. O improvisado estaria fora dessa relação científica, no que escapa das probabilidades e o senso comum?

Então, quando um cientista olha pro mundo este processo acontece com ele. O que ele quer está lá fora, é a realidade. Ele tem que atravessar esta interface pra poder chegar a subjetividade dele e julgar o mundo de maneira subjetiva e de forma coerente com a realidade lá fora. Isto é muito difícil. A única garantia que se tem, eficaz, deste tipo de processo, é o famoso “método científico”. O método científico visa otimizar esta tentativa de apreensão do real, apesar da subjetividade do cientista. Tanto que os cientistas trabalham primeiro de maneira individual. Escrevem seus artigos, seus *papers*, publicam e esperam que outros cientistas leiam e concordem ou não com eles. O que é que eles pretendem com isto? Fazer uma espécie de confronto entre os vários *unwelten* humanos e científicos (ALBUQUERQUE, 2009, p.19).

A evolução, com um acúmulo de conhecimentos não significa progresso necessariamente. Questiona-se a construção do espaço na busca do lugar ideal, que ignora as diferentes interpretações da outra parte dos *unwelten*.

Dentre improvisos e tentativas de obtenção do conhecimento racional, toma-se como exemplo as invenções mais antigas, como a que permitiu o controle sobre o fogo, sobre o

círculo para a roda, as vestimentas, e a apropriação de cavernas para a primeira estrutura espacial entendida como casa. Questiona-se até onde essas ações são tidas como improviso, e quando elas começam a ser testadas a partir de planejamentos em busca de resultados esperados.

2.2 E caber na cadeira

No ponto de vista biológico, Humberto Maturana defende que o ser pode ser determinado por um sistema estrutural próprio, sujeito a mudanças por qualquer influência externa. A determinação desta estrutura se dá nas repetições do viver ao longo do tempo, por ele percebidas, constituindo um design próprio. Diz ele:

Assim, a noção de determinismo estrutural reflete as regularidades e coerências de nosso viver ao explicarmos nosso viver com as regularidades e coerências de nosso viver, e não com qualquer aspecto transcendental de uma realidade independente (MATURANA, 2001, p.173).

Por essa constatação, pode-se entender uma autodeterminação estrutural, por ele chamada de “metadesign” (seria uma espécie de *Umwelt?*). Assim, a conservação de sua estrutura e suas características – altura, peso, sistema digestivo, reprodutor, etc., formam esse design próprio que seriam a motivação e limitação do ser para agir no espaço. Em termos de improviso espacial, a construção de uma mesa, por exemplo, está condicionada às capacidades físicas do sujeito que a constrói, bem como às limitações climáticas que uma região impõe, só limita porque o ser possui um design que para perpetuá-lo, precisa permanecer dentro dele.

O espaço se aqui também considerado como um sistema, determina-se lugar quando estrutural, e por suas coincidências temporais, mas a partir da percepção de um ser vivo, e não uma percepção própria.

O meio, enquanto o espaço no qual um sistema funciona como um todo, tem uma dinâmica estrutural independente da dinâmica estrutural dos sistemas que ele contém, apesar de ser modulado pelos seus encontros com eles (MATURANA, 2001, p.176).

Como uma ordem fractal (citado anteriormente), a estrutura do ser que se modifica, modifica a estrutura do entorno, que modifica outras estruturas, e assim sucessivamente, num ciclo contínuo.



Rochelle Costi – Desmedida (2009)

Ao fazer uso do improviso para construção de um móvel, o ser não só o adapta ao local onde está inserido, mas também às suas condições estruturais, como o tamanho do próprio corpo. Nesta obra de Rochelle Costi, existe uma brincadeira com a proporção dos livros que compõe o ambiente. Estranhos à sua "normalidade", não seriam funcionais à atividade do ser humano.

2.3 Como os outros sentam

A apreensão da repetição temporal de uma estrutura do meio relacionada a outros seres, pode constituir uma estrutura social (fazendo relação com o determinismo estrutural relatado por Maturana). Nesse ponto de vista, é possível observar e estudar os comportamentos comuns na relação entre os seres com o espaço, o que os formam, a cultura. Essa motivação para o processo do imprevisto, surge na necessidade de permanência ou fuga desta estrutura com a qual o ser se identifica ou sente a necessidade de negar.

Levando em consideração que a ideia do *"imprinting cultural"*, criada por Lorenz⁸, onde o animal fica marcado permanentemente por suas primeiras experiências, faz parte da estrutura de um indivíduo, Edgar Morin⁹ associa que ao ser humano, isso ocorre em sua família, depois pela sua vida social (uma vez que a sociabilidade faz parte da estrutura do ser humano). Sendo assim, surge um grande risco no que se diz respeito à forma de educação e à transmissão do conhecimento, se ela mesma se apresenta como verdade, e não como passível ao erro e ao questionamento. Acredito que, escapando deste conhecimento, o imprevisto é a oportunidade liderada por uma necessidade, de questionar o é recebido como informação primordial.

⁸ Zoólogo, etólogo e ornitólogo, criador do conceito *"imprinting"*.

⁹ Sociólogo, antropólogo e filósofo, considerado um dos principais teóricos da complexidade.



Fotograma do documentário da obra "The Moon Goose Analogue", da artista Agnes Meyer-Brandis

Nessa perspectiva, senti a necessidade de contextualizar a identificação de sua estrutura atual, ou seja, a sociedade contemporânea. A globalização econômica e o avanço da tecnologia, criaram novos espaços em “realidades paralelas”, o meio digital, que permite novas formas de relação, e aproximação de universos. Acontece que estes espaços surgiram de um processo racional, em reprodução de conhecimentos científicos (congruência de interpretações sobre a realidade), o que acredito ter permitido a difusão dessas *autodefinições* estruturais. Nas palavras da teórica e psicanalista brasileira contemporânea, Suely Rolnik:

é que a mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades, implica também na produção de kits de perfis padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural, etc. (ROLNIK, 2018, p.1).

Ou seja, mais uma vez, o ser estaria adquirindo conhecimento “pronto”, racional, que não se aplica às suas condições sensíveis, biológicas, interpretativas. Como um simples exemplo, tomo a necessidade que o ser humano, social, tem de usar roupa, e como as tendências de moda e grandes marcas, que indicam status social ideal, provocam o surgimento da pirataria têxtil. No espaço, a motivação do ser para construí-lo também se adequa às características sociais, a necessidade de um varal para estender essas roupas, o uso de talher, entre outros.

A combinação desses dois fatores faz com que os vazios de sentido sejam insuportáveis. É que eles são vividos como esvaziamento da própria subjetividade e não de uma de suas figuras - ou seja, como efeito de uma falta, relativamente à imagem completa de uma suposta identidade, e não como efeito de uma proliferação de forças que excedem os atuais contornos da subjetividade e a impelem a tornar-se outra (ROLNIK, 2018, p.2).

Num outro ponto de vista, o imprevisto pode ser uma grande arma para driblar as diferenças sociais voltadas a economia, por exemplo. A internet, pode ser um espaço para

encontro com outros seres de interpretações parecidas, ou de manifestação das diferenças como valorização destas interpretações próprias, pertencentes sim, a um todo. É o que defende o sociólogo Michel Maffesoli, em entrevista para Extra:

O que está em jogo na contemporaneidade é a diversidade, em todos os setores: cultural, sexual, religiosa. O século 19 buscava reduzir tudo a um, diminuir as diferenças. Não podemos mais. A imagem atual é como um mosaico. Existe uma coerência no todo, porém cada peça mantém sua própria configuração. Um policulturalismo. Pode haver uma harmonia a partir das diferenças, uma harmonia conflituosa (MAFFESOLI, 2016, p.1).



Erwin Wurm – One minute Sculptures (1996 - 2017)

2.4 Querendo sentar querendo sentar

As imagens dos símbolos representam sistemas e regras definidas na sociedade, que tentam considerar um senso comum e igualitário, são abstrações resultantes da imaginação. Para Flusser, escapam a estas simbologias, apenas a conceituação que permite decifrá-las.

O homem os inventa, tendo por modelo seu próprio corpo. Esquece-se depois do modelo, "aliena-se", e vai tomar o instrumento como modelo do mundo, de si próprio e da sociedade. Exemplo clássico dessa alienação é o século XVIII. O homem inventou as máquinas, tendo por modelo seu próprio corpo, depois tomou as máquinas como modelo do mundo, de si próprio e da sociedade (FLUSSER, 1985, p.40).

Diante disto, podemos entender mais uma vez, um processo metalinguístico, onde o ser cria imagens pelos conceitos, e passa a conceituar-se por elas. Acredito que a motivação filosófica para atuação no espaço, pode ser a percepção e propagação imagética, como um valor estético. As transformações espaciais, ainda que improvisadas, são intencionadas pela interpretação de beleza em suas composições, ou pelo que se pode entender como estética, como diz Albuquerque, "A raiz da estética está associada a um critério de organização e de coerência, e isso não depende só de nós, isto é, da natureza do mundo" (2009, p.23).



Fonte: Google Images

Para Flusser, o ser depende da arte para perceber o mundo. Onde não existe um modelo e uma estética, ainda não existiu experiência. Relacionando a Morin, essas experiências que começam a fazer parte do seu conhecimento. A arte seria, então, a possibilidade de experimentar a realidade. Acredito que o improvisado, como prática artística que experimenta o espaço, cria novas formas para experiências futuras. A arte como comunicação (relação ser-espaço) estética viria antes da ética, pois esta será julgada por outros seres.

E ainda, para Flusser, a “beleza”, estaria nessa novidade. O artista é encarado como um ser capaz de se comunicar, se fazer compreendido, ao mesmo tempo em que apresenta algo novo. Acrescenta uma nova experiência, e cria novas tendências estéticas para toda a sociedade. Então, pode-se dizer que o belo estaria justamente neste equilíbrio entre sensibilidade espacial, o improvisado, e a criação de símbolos apresentados em lugares?

Levando para a perspectiva da arquitetura, como o campo o estudo que se dedica aos espaços, pode-se perceber esta influência na estética dos volumes das edificações, nos espaços urbanos e nas composições internas dos ambientes. Esse movimento contemporâneo que busca uma certa libertação das regras, como as próprias construções projetadas durante esse período pós-moderno, que fogem do conservadorismo e dos planos racionais cartesianos, fragmentando a estrutura e a linearidade das edificações que passam a ter uma aparência de imprevisível, como os projetos de Peter Eisenman e Frank Gehry e Zaha Hadid. São obras que, assim como as ordinárias gambiarras, demonstram a expressão orgânica do ser-humano, e da natureza, da movimentação. O íntimo desses arquitetos escancara uma organização de pensamento própria.



Walt Disney Concert Hall – Frank Gehry

Internamente, os layouts e fluxogramas da arquitetura também refletem esse movimento: passa-se a valorizar móveis facilmente deslocáveis, com capacidade de readaptação e multiuso. As áreas coletivas e de criação são mais valorizadas, o que é notório em ambientes de trabalho como os famosos escritórios da empresa Google, um modelo que vem se multiplicando nos últimos anos, assim como os espaços de *coworking*, que permitem essas adaptações temporárias às empresas, quem inserem materiais que refletem suas necessidades, que a caracterizam.

2.5 Sentando

Traz-se aqui as ações presentes, o momento de impulso e espontaneidade, a busca pelo lugar poético através do improviso cotidiano para a contemporaneidade. Analiso um ocidente que se desenvolveu voltado para o progresso, com uma perspectiva e promessa de futuros cada vez mais confortáveis, criando um sistema de relacionamento voltado para o domínio do conhecimento racional, e posse através do capital. A criação de padrões imagéticos que determinam a posição e aceitação social, ofertando produtos, lugares e atitudes eleitos adequados e “obrigatórios”. E questionando: o que é feito com essas informações que são apreendidas por cada indivíduo de um jeito diferente, e que praticadas, retornam de outra maneira pela comunicação? Transformam o lugar em espaço e lugar novamente.

Essa concepção de espaço, ou o não-lugar que Certeau buscou nas ideias de Augé, trata justamente da quebra simbólica realizada no cotidiano dos seres que vivenciam o espaço, que se fazem parte dele, e, portanto, o modificam e não enxergam uma definição do lugar, essa passa a ser feita com um certo distanciamento, por aquele que para e a observa. As novas simbologias brotam em estranhamentos, em novos lugares.

Escapando às totalizações imaginárias do olhar, existe uma estranheza no cotidiano que não vem à superfície, (...) práticas estranhas ao espaço “geométrico” ou “geográfico” das construções visuais, panópticas ou teóricas. Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de “operações” (“maneiras de fazer”), a “uma outra espacialidade” (uma experiência “antropológica”, poética e mítica do espaço) (CERTEAU, 2002, p.172).

Essas ações, Michel de Certeau chama de táticas. Ao contrário das estratégias, que fazem parte do planejamento e se dão pela execução de instruções previamente estabelecidas, as táticas, reconhecidas no improviso, contam com a astúcia, ou seja, uso do conhecimento aplicado às situações que surgem no agir. Essas ações, tidas como disputas,

reconheço como práticas artísticas. São diversas formas de apropriação onde o ser tenta se encaixar, conhecer, socializar, se refletir, se fazer existente, criar intimidade, conforto. Todas utilizadas por mim, enquanto artista, em minhas relações espaciais visuais.

a) CAMINHAR

O caminhar, por si só, diz respeito às individualidades, a desenvoltura do corpo que se movimenta, os trejeitos herdados e à origem cultural, o que torna os trajetos irrepetíveis, ainda que executados por um mesmo ser. Dentre as ações, ele permite além da ligação ao tempo presente, e ao espaço, a conexão entre lugares, colocando-se teoricamente em um paradoxo de definido pelo que está entre definições.

Caminhar, muitas vezes, se dá na ausência em representações imagéticas, pela vivência não refletida, um espaço que é percorrido, mas não vem a se tornar lugar. Sendo assim, um lugar, de larga escala em relação a outros menores que se englobam por ele, seria uma espécie de bricolagem que ignora o caminho como lugar. Questiono se isso ocorre pela falta de símbolos, ou de percepções ou pela curta temporalidade, desvalorizando ou faltando conexão entre ser e espaço, ou a falta criação de intimidade... É comum associar aos caminhos referências de localização em relação ao "eu" – lá, aqui, pela direita – então, o caminho enquanto lugar, precisa sair da posição "durante"? A ação para, o imprevisto para, o caminho ainda é caminho?



Nelson Leirner – *Playground* (1969)

Os caminhos construídos no espaço urbano planejado, em teoria, são criados para facilitar o deslocamento dos cidadãos. Existe um certo “poder” ou crença do controle sobre a população, mas que inevitavelmente se altera nas passadas do dia-a-dia. É um improviso, por exemplo, fazer diferente do que é orientado ou definido por placas, e ou outros tipos de instruções em espaços públicos.



Felipe Cama - *O Meu Eu Mesmo Faço* (2006)

Ou ainda fazer caminhos diferentes dos socialmente convencionais, aprendidos por instruções aprendidas, hábitos e cultura, que tomo como exemplo uma praça pública, com seus canteiros, bancos, postes, parquinhos e os pavimentados que indicam a circulação. É possível verificar, em muitos casos, a criação de novos caminhos desgastados em grama ou barro, por pessoas que decidiram encurtar sua distância, ou ainda desvios criados por causa da danificação do pavimento. De qualquer forma, pratica o espaço e improvisa, constituindo novos lugares, com diferentes caminhos.



Laura Fragoso – Série Desvio à Esquerda (2017)

Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente à procura de um próprio. A errância multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar... (CERTEAU, 1998, p.183).

b) OCUPAR

Só por existir, o ser já ocupa o espaço, e enquanto indivíduo, um lugar. Acredito que a prática de ocupação se dá com o corpo, ou através de objetos que o ser posiciona no lugar. O imprevisto que dela decorre encontra brechas, como um jogo de *tetris*, que na imprevisibilidade das formas encontradas no entorno, busca a melhor posição para parar em um lugar.

Em perspectiva urbana, as divisões políticas delimitam os lugares, que são designados às camadas da população e a diferentes tipos de uso. Escapa à previsibilidade dessa formatação algumas camadas sociais que disputam territórios para habitação, construção de um lar, ou ainda, em escala menor, a utilização de pequenos cantos do espaço público para atividades domésticas.

Quanto tempo demora para ocupar um lugar, quanto do lugar é ocupado. Nos limites físicos do corpo, nos limites físicos dos objetos? Até onde a visão alcança, a audição, o cheiro...? Até onde os elementos ocupantes impossibilitam outra ocupação? Colocar o corpo no espaço ou colocar objetos no espaço são táticas de apropriação. Em práticas artísticas, essa dinâmica pode ser reconhecida como instalação. Nesse sentido FRAGOSO (2003) escreve:

A instalação, como modalidade de expressão artística, pode nos sugerir diferentes ações, como estabelecer algo, dispor algo para funcionar, dar hospedagem a algo, alojar ou acomodar algo, pressupondo a ocupação de um determinado espaço, a partir de uma ideia, num processo criativo, com o objetivo de transformar o espaço, e tudo aquilo que o compõe, numa obra de arte.



Gordom Matta Clark – Food (1971). Fotografia de Richard Landry. (Cuevas & Rangel, 2010)

No filme “Pendular” (2017), de Julia Murat, um casal ocupa um edifício abandonado, e divide a área de trabalho com uma fita que corta o chão. De um lado, um lugar para ensaio e práticas de dança contemporânea, do outro um lugar para criação de esculturas. O filme expõe a relação desses dois seres, que se reflete na prática do espaço vivenciado. Enquanto as desavenças surgem, percebe-se a fragilidade das delimitações espaciais, numa disputa de interesses que exige domínios, e concessões. Como resultado, uma obra une as duas narrativas artísticas do casal (dança e escultura), dando ênfase a este tênue ponto do equilíbrio, sempre encontrado através da ação, no pendular.



Cena do filme "Pendular" (2017)

c) INTERFERIR

Me refiro aqui à interferência em matérias que já existiam no lugar, antes do ser resolver praticá-lo como espaço, combinadas ou não com elementos que traz consigo, além de sua individualidade refletida na maneira de fazer. Acredito poder classificá-la como, na maioria das vezes, a mais agressiva, por exigir uma força de deslocamento sobre outras partículas. Reposicionar objetos, recombina, partir, juntar, esticar, espremer, pintar... De certa maneira, um improviso que tende a construir, a fabricar.



Cao Guimarães – Gambiarras (2000-2014)

Penso que, num ponto de vista social, na estrutura capitalista atual, essa ação assume grande importância, pela ênfase que é dada ao valor material, no cotidiano. Ter bens materiais é disseminado como uma ideia de controle, de felicidade, de domínio. Uma perspectiva que ainda é fruto do período pós-guerra, o início da industrialização, e a evolução da tecnologia e dos meios de comunicação. Mas é também através dessas matérias, de objetos, que se atribuem valores afetivos, apego às histórias, lembranças de outros lugares que constituem o indivíduo, e a capacidade de se perpetuar pelo que já foi aprendido, pelo hábito.

d) RELATAR – fotografia, escrita, memórias, lembranças

Outra prática artística, que, na maioria das vezes, se passa despercebida como ação e apropriação dos espaços, são os relatos feitos sobre os espaços vivenciados através de símbolos imagéticos que buscam reprodução dos lugares reais. Esta forma de improviso se tornou muito mais frequente após a criação da internet. Escrita e fotografia, capturam, dominam, congelam um espaço como lugar, e os reproduz da maneira que é possível em dispositivos físicos (como papel), ou ainda pelo acréscimo de mais uma decodificação, no espaço digital. Eis que surgem espaços paralelos aos ocupados pelo corpo físico, que são construídos através de uma metalinguagem, no computador, dando possibilidade de interferências, ocupações, caminhos cada vez mais rápidos. Seriam eles ilusórios? Ou foi encontrada uma porta para multiplicidade de ações que lidam com quase quaisquer informações ao redor do mundo, abrindo novos espaços, e criando novos lugares? Tal conhecimento estabelece uma natureza muito mais processual que estática, ao permitir essa rede de conexões. Sobre esse processo artístico no meio digital, (NÓBREGA, 2013) diz:

Com o deslocamento de foco do objeto para o processo investe-se dessa maneira em um mergulho temporal. Quebramos a magia da obra fechada e de um tempo cristalizado para nos arriscarmos nos devaneios da complexidade e da emergência. Vivemos o momento das conexões e da emancipação de organismos hiperconectados.

Torno aqui a expor o desafio em que me coloquei, de utilizar a fotografia como uma das práticas artísticas durante o desenvolvimento deste projeto. Me coloco, metaforicamente falando, como uma personagem paciente das análises psicanalíticas de Lacan, com enfoque para a ideia do “objeto a”. Em uma breve explicação, ele diz que a realidade do indivíduo, mesmo quando ele está na posição de mestre, não está nele mesmo, mas no objeto opaco, ou o “objeto a”, que se apresenta como a relação do ser com tudo que não é idealizado. Assim o ser se relaciona e se constitui indivíduo. O “objeto a” seria o que escapa ou o que sobra da linguagem. Assim, como paciente em análise, estaria utilizando a arte, ou o improvisado, para encontrar esses objetos (trechos, gerigonças ou gambiarras), e capturando-os através da fotografia, para análise. Uma análise que me faz perceber o desejo que faz parte de mim e de todo ser humano, e que ele não está associado ao objeto que encontramos – como conhecimento fornecido, o lugar idealizado – mas naqueles de demonstram diferenças que encontramos no dia-a-dia.

2.4 PARTE 01

No início desta primeira etapa pode-se observar a importância do uso da fotografia direta e do seu enquadramento, para a criação das obras. Faço uso também da construção artesanal que destaca efemeridades, e se apropria do entorno para expor identidades e adentrar íntimos.



CANTO
Ano: 2016
Técnica: Fotografia

A primeira série de fotografias foi realizada no interior do apartamento onde eu morava, e tentou capturar e enquadrar, quase criando uma coleção de símbolos, a representação do meu íntimo projetado no espaço de vivência do meu cotidiano. O meu canto - espaço do recolher - se torna um lugar identificado e registrado pelos objetos que o compõem, pela disposição que revela hábitos e dinâmicas corporais, a luz que relata o tempo, a posição desta unidade universal, e que também desenha o percurso dos olhares através dos limites de sombras. O canto de dormir, de ingerir, de limpar, organizar, ocupar, constituir o lar e se constituir. Pode-se fazer referência às palavras de Bachelard, em “A Poética do Espaço”, que diz:

Portanto, é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num “canto no mundo”. Porque a casa é o nosso canto no mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo (BACHELARD, 2000, p.24).

Fazem ainda parte deste estudo, as obras apresentadas anteriormente, no decorrer do texto, “Crisálida” e “Angapú”.

Depois, além do uso da fotografia buscando dar destaque aos elementos efêmeros e aos detalhes, realizando um colecionismo, percebe-se também a intervenção no cenário registrado. As obras “deondevemparaondevão” (p.54) e “Desvio à Esquerda” (apresentada a seguir), enfatizam a criação de símbolos e linguagens, a partir de experiências essencialmente passageiras, onde tento me posicionar, deixar um pouco de minha identidade, e, ao mesmo tempo, carregar comigo um pouco das identidades de diferentes lugares, que vem a constituir a minha identidade também.















Desvio à Esquerda
Ano: 2017
Técnica: Série fotográfica

DESVIO À ESQUERDA

Portugal procurava as Índias.

Um desvio à esquerda, um deslize, cosmológico, humano... ou seja lá o que for... o levou a "encontrar" o Brasil.

"Encontrar". Essa descoberta era de outro povo, de alguém que veio de fora e achou uma terra "desabitada". E com muitos desvios à esquerda começou a se apropriar.

Do provisório ao definitivo, traçando linhas no solo, abrindo caminhos em mata virgem, começou a se instalar, a se impor, a se misturar...

O Brasil virou mistura. Cheio de desvios à esquerda.

A cultura indígena se deixou "desvirtuar". Desviou para a esquerda...

"Retornei" à terra europeia, que carrega minhas origens - material genético que por acaso ou não veio parar aqui, misturando com outros materiais ou matérias sei lá de onde.

Muitos desvios à esquerda.

Retornei e comecei a me conectar. Encontrei a semelhança linguística, cheia de tropeços, que continuavam a cair para a esquerda e me atropelar.

Reconheci hábitos, reconheci pessoas, muitas! No entanto todas diferentes. Todas desviadas à esquerda.

Entreí na mesma arquitetura, onde encontrei Olinda, a Lapa, Marechal Deodoro, o barroco, o gótico, a art déco, e fui abençoada pelo mesmo cristo. Eu e toda essa gente que caminhava abaixo, desviando à esquerda. Me apropriei de ruas. Desses caminhos ladeirados onde permiti me perder.

Uma terra desconhecida é obrigada a abrigar brasileiros. Em esquinas, monumentos, praças, e letreiros, encontrei os desvios à esquerda e me desencontrei.

Entre falas políticas e as imensas igrejas douradas, há desvios à esquerda. Me encontrei.

Nas ruas há calor, nas pessoas não há calor. Não há toque de corpos, não há quebra de quadril e não ouço os tambores. Misturo meu Brasil através do meu corpo em alguns desvios à esquerda.

Esta obra recebeu o título de "Desvio a Esquerda". Encontrei uma placa no meio de uma rua na cidade do Rio de Janeiro, com a indicação de desvio de trânsito devido a obras da empresa "Gás Natural Feitosa". Levei em minha bagagem para uma viagem que fiz, em outubro de 2017, para a Cidade do Porto, em Portugal, e em seguida para Lisboa. Comecei a posicionar esta placa nos caminhos que fazia, tentando seguir a "ordem" que indicava de sempre virar para minha esquerda. Em escala internacional, a trouxe de volta para o Brasil, onde voltei a realizar a dinâmica. O processo resultou numa série de fotografias desses lugares que se assemelham e se diferem internacionalmente, conectados pela presença de um objeto que me identifica.

3.2 PARTE 02

Utilizando o destaque nos detalhes para tentar aproximar o observador ou experimentador da obra, do íntimo, (como em *Angapúá* – p.48), e a fotografia que continua sendo uma ferramenta importante para um registro que busca *memorificar* momentos, e tenta retirá-lo da efemeridade, nesta parte ela para de se apresentar apenas como documento e ganha destaque com montagem. O lugar representado na fotografia é resultado de alguma experiência do espaço. Através de intervenção física direta, ou da edição digital, demonstra uma preocupação com a modificação do lugar, da realidade, e do meu íntimo, como artista que vivencia o espaço e o transforma, se apropria do lugar.



Montagem 01 – Imersão SPA



Montagem 02 – Imersão Fotopoética



Montagem 03 – Saquarema

Montagens
Ano: 2017 – 2018
Técnica: Fotografia e Colagem em Photoshop

MONTAGENS

Esta obra denominada “Montagens” foi realizada a partir de diferentes vivências, constituindo-se de imagens (uma para cada vivência) que agrupam, como em um resumo, as pessoas que participaram, os acontecimentos que marcaram o período, objetos que ganharam memória afetiva, e outros elementos ligados a eles.

Essas montagens buscam a criação de simbologias de cada item e as posiciona em territórios virtuais sem a necessidade de coerência com a realidade. A coesão se apresenta nos significados das relações, das conexões eruditas geradas nas ações dos seres para constituição do lugar novo.

A primeira delas foi criada no final da imersão da disciplina “Seminários de Pesquisa em Andamento I”, realizada no período de 23 a 28 de maio de 2017, na Fazenda Sagrada Família. A partir de uma fotografia da primeira Pioneiria criada (uma mesa utilizada por todo o grupo de 17 pessoas para uma refeição), utilizei o programa Photoshop para fazer uma colagem, posicionando outros recortes de fotografias por mim tiradas ou encontradas na internet, que identificassem cada pessoa que participou desse momento.

A segunda montagem foi feita no final da imersão da disciplina Fotopoética, realizada no período 16 a 18 de junho de 2017, em Mauá. Desta vez, utilizei o programa *Google Sketchup* para criar, a partir de uma foto da casa onde ficamos hospedados, uma volumetria. Dentro dela, foram posicionados os participantes com fotografias por mim tiradas, e recortadas. No final, uma imagem 2D foi exportada, gerando a obra.

A terceira e mais recente montagem foi feita após uma viagem à Saquarema com um grupo de amigos. Mais uma vez realizada no *Photoshop* com as ferramentas de recorte, colagem e sobreposição com transparência, utilizando fotografias minhas.



Pioneiria SPA (2017)



Pioneiria Fotopoética (2017)



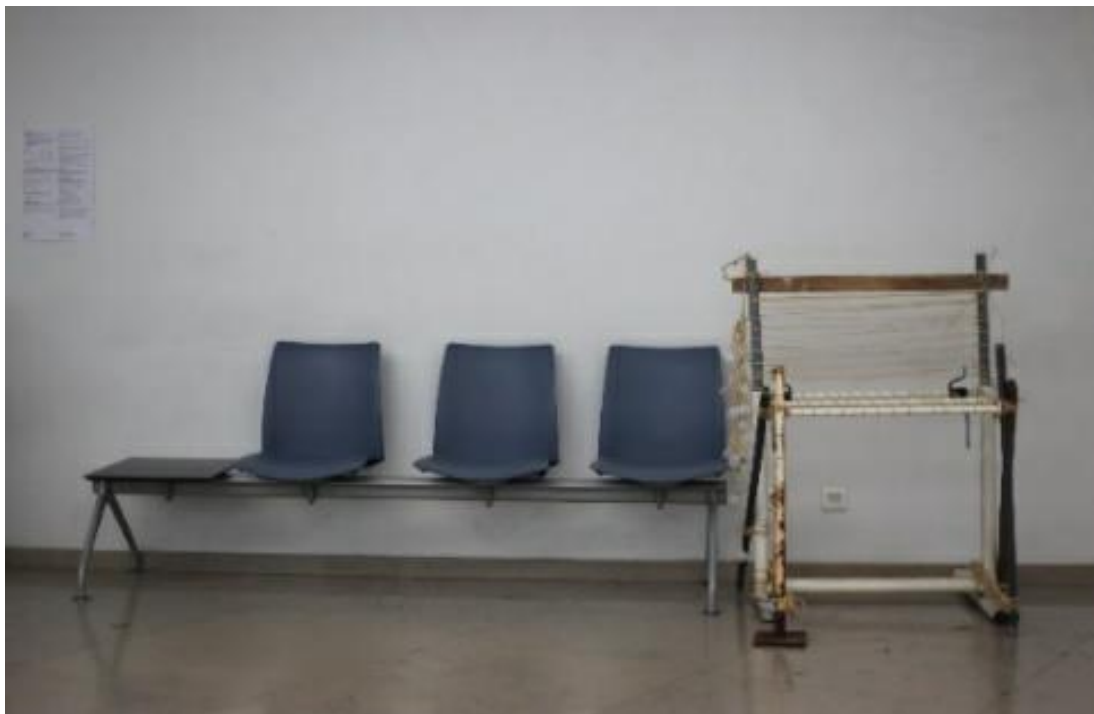
Pioneiria Parque Lage (2017)



Pioneiria Angra (2017)



Pioneiria 16art I (2017)



Pioneiria 16art II (2017)



Pioneiria Saquarema (2017)

Série Pioneiria
Ano:2017
Técnica: Fotografia

Esta última obra desenvolvida, chamada “Pioneiria”, consiste em uma série de fotografias feitas em diferentes vivências espaciais. Após a minha intervenção com a construção de objetos esculturas utilizando o material disponível no espaço e o auxílio do barbante de sisal, foi feito o registro fotográfico do objeto no seu entorno.

Pioneiria é uma técnica utilizada no escotismo para construção de móveis e objetos que utiliza madeira e amarras. Praticá-la foi a forma que encontrei de modificar os espaços que vivencio. Crio um pouco de 'casa', de conforto, de identificação com minhas origens. Algo que remete a uma possível segurança por meio de uma construção própria, inserida em local específico. São cenários que contam histórias através da luz, da textura, das dimensões e cores, onde os personagens passam a existir, à medida que o modificam, ocupando o espaço, sendo flexível, e respondendo às provocações do entorno.

A sensação é que os objetos são mais do que extensões de meu corpo, quase que desdobramentos deste, em corpos/objetos protéticos. Eu gero seres semelhantes a mim, incluindo as minhas imperfeições, assimetrias, curvas e etc. Ou seja, é realização do encontro de um mundo interior (a imaginação) com o exterior (a matéria), num processo que assemelha à pintura de uma tela – o que está no sublime, no campo das ideias e da consciência, também ganha corpo, e, assim, me enxergo no objeto construído. “Todo projeto é uma contextura de imagem e de pensamentos, o que supõe uma ascendência sobre a realidade. Não temos, então, que considerá-lo numa doutrina da imaginação pura” (BACHELARD, 2000, p.228).

Nesta simbiose do corpo com o espaço, me percebo composta de várias partículas, ao mesmo tempo em que componho organismos maiores, identificando a relação entre o micro e o macro. Construir faz de mim um órgão deste corpo que é o espaço. Eu só construo se estou também me construindo – indissociavelmente.

Mas às vezes, as transações do pequeno e do grande se multiplicam, se repercutem. Quando uma imagem familiar cresce até ter dimensões do céu,

somos de súbito chocados pelo sentimento de que correlativamente, os objetos familiares se transformam em miniaturas de um mundo. O macrocosmo e o microcosmo são correlativos (BACHELARD, 2000, p.176).

É o corpo-espaco numa repetição de padrões que partem do meu próprio corpo como uma espécie de mitose. Eu crio esqueletos, são joelhos de sisal, braços e pernas que servem como ferramentas das minhas necessidades naquele determinado momento. O processo de construção se revela completamente ligado à dinâmica de quem se propõe a fazer. É possível se ver no objeto, partindo do princípio de que não existe nada além do gesto e da impressão humana que dispensa a regularidade de máquina. Sou eu e o que está a minha frente. Então, construir improvisando intensifica minha sensação de existência pela materialização do meu pensamento.

DIÁRIO DE BORDO: PIONEIRIA PARQUE LAGE - 1, 2 E 3 DE AGOSTO DE 2017

Dia 1 - Cheguei às 15:30 horas no Parque Lage – Rio de Janeiro

Céu limpo, raios ainda fortes, temperatura agradável. Pouca movimentação, pessoas se posicionando em frente ao prédio, fotografando, sendo fotografadas, estendendo toalhas no chão para piqueniques. Paro para olhar a fachada da escola – edifício de arquitetura grande - marco central da área denominada “Parque Lage” – maior intervenção humana lá – concentração maior de pessoas – maior interação. Mais adiante, pessoas caminham, descobrem espaços, praças, cavernas, se posicionam, fotografam, são fotografadas. Bancos vazios, pessoas se sentam nos bancos. Um grupo de freiras se acomoda em um deles, e apoiam seus pertences no chão: bolsas e mochilas.

Em todo lugar “precisamos de mesa”. Ergonomicamente falando, o plano permanente (chão) é inadequado para manuseio de objetos pequenos, objetos que carregamos.

Vou construir a mesa. É um pontapé inicial para intervenção.

Continuo caminhando em direção à mata. O número de pessoas diminui. Na mata não tem banco, na mata não tem mesa, não tem lixeira, não tem luz artificial... nesta mata, pessoas passam. Intervenções humanas provocam passagens, não estadias, acomodações – trilhas, sinais que indicam caminhos e destinos finais.

Paro no meio da vegetação, fora da trilha, onde as árvores e plantas dão espaço para me movimentar. Não há mesa, não há cadeira, lixeira nem cama. Apoio meus pertences que carrego no chão: mochila e tripé. Me curvo para retirar da bolsa a câmera, o canivete e o barbante de sisal. Começo a procurar por madeiras no chão.

Procuro madeiras mais retas e resistentes. Acho alguns pedaços e começo a juntar perto do tronco da grande árvore ao meu lado. Posiciono a câmera no tripé, encontro o foco no ponto onde começarei a construir a pioneiria. Aperto o rec. Junto dois pedaços de madeira num ângulo de 90º, corto um longo fio de barbante de sisal, e faço uma amarra quadrada unindo-os. Uma terceira madeira é colocada paralela a um dos pedaços, na outra extremidade, formando um “U”. Repito essa ação para as duas bases da mesa.

Às vezes escuto vozes distantes. Às vezes elas se aproximam e pessoas passam por mim. Homens, mulheres, estudantes, seguranças, crianças. Eles se surpreendem com minha presença. Eu estava fora da trilha, calada. Olhares se cruzam, e passam. Vozes diminuem.

(processo de construção do objeto)

Após cerca de 1 hora, o barbante de sisal acaba. Tenho uma base montada, ainda instável. Preciso abandonar o processo para retornar no dia seguinte. O sol já está

bastante baixo. Curvo-me para guardar o material. Coloco a mochila e o tripé nas costas, e me vou. São cerca de 17:30 horas.

Dia 2 - Cheguei às 15:00 horas no Parque Lage – Rio de Janeiro

O céu mais uma vez estava limpo, e os raios de luz um pouco mais fracos. A movimentação era a mesma. Estava com pressa, curiosa para saber se a base do trabalho ainda estava lá. Identifico o mesmo caminho que segui para achar o lugar – via pracinha, aquário, escada com pedaços de papel azul, arco, viro à esquerda, grande árvore à esquerda. Lá está ela, camuflada. Repito a movimentação do dia anterior, curvando-me, apoiando minha mochila e o tripé no chão, retirando a câmera e posicionando tudo para continuar a ação.

(processo de construção do objeto)

As vozes, as pessoas, as surpresas e os olhares continuam passar. Passar. Por volta de uma hora e meia depois, a pioneiria está pronta, com estabilidade suficiente para ser transportada. Curvo-me para colocar a mochila nas costas e apanho o tripé. Seguro a mesa e começo a trilhar o retorno. Vozes aumentam, se multiplicam. Mais pessoas se movimentam, cruzam olhares, assistem meu caminhar. Arco – escada com pedaços de papel azul - aquário – pracinha. Casal se beija no banco. Pessoas fazem piquenique. Raios de luz estão um pouco mais fracos. Os olhares curiosos continuam a me seguir. Estaciono a pioneiria centralizada com a fachada da escola. Fotografo, filmo. Volto a deslocá-la até a lateral de um dos bancos da praça. O fluxo de pessoas diminui. Fotografo, filmo, num pequeno papel escrevo “Pioneiria – Laura Fragoso”, e encaixo entre as amarras. Vou embora. São cerca de 17:00 horas.

Dia 3 – Cheguei às 13 horas no Parque Lage – Rio de Janeiro

O dia mais ensolarado de todos. A temperatura um pouco mais alta. Curiosidade para saber se o trabalho continua no mesmo lugar, intacto, e se as pessoas estão interagindo com ele. Lá está ela. Misturada com a paisagem, tão serena quanto as duas figuras que a fazem companhia naquele momento (a estátua do observador no banco, e um homem sentado entre os dois). Quero registrar e tenho receio do incômodo que posso causar. Tento passar despercebida, me posicionar o mais longe possível, e aos poucos apontar a câmera para o trio. É como se conquistasse território, ultrapassasse barreiras, avançando confortavelmente de acordo com a resposta do entorno. Ele não se manifestou. Me aproximei, verbalizando a tentativa de interação

- Você se incomoda de aparecer na minha foto” perguntei.

- Se quiser eu saio, pode ficar à vontade” ele respondeu.

- Obrigada, mas o que quero é justamente registrar você ao lado deste trabalho.
Desculpa perguntar, mas o que achou que seria isso?

- Fiquei curioso e procurei informação, mas não havia. Acredito que seja uma obra?

E o diálogo surgiu, durante alguns minutos, descobri seu nome, seus interesses, discuti até onde ele se relacionou com a mesa, e o porquê. Ele se foi.

Durante mais meia hora, fiquei por perto e dois grupos de pessoas se aproximaram. Todos eles declararam que a mesa vos pareceu uma obra de arte, que não deveria ser tocada. Procuraram por informações. Não encontraram. Seria esse espaço de escola da arte, considerado um espaço positivo, um obstáculo para interação pública com objetos que fogem do padrão convencional de construção arquitetônica destinada ao homem?

DEPOIMENTO 2: Primeiro buscamos construir móveis básicos, mais utilizados e encontrados na maioria dos ambientes funcionais. Como a mesa e o banco. Esses objetos passam a ser representação do eu misturado ao espaço diluído... e como símbolos que tendem a simplificar e repetir por traços cada vez mais enxutos, passei a utilizar a bandeira, um totem, com cápsulas que carregam minhas experiências, e se posicionam, conquistando lugares que conheci.

3. CONCLUSÃO

Um convite sem grandes pretensões queria o registro visual de uma transformação premeditada. Antes da execução de instruções, e de um passo-a-passo bem efetuado, já havia uma imagem final almejada. Mas me fazer presente no espaço de execução, foi permitir experimentar suas revelações fortuitas. Esbarrei em improvisos, nos pequenos detalhes do caminho, que eram visíveis somente para quem estava caminhando ali, e também passei a improvisar. O resultado do convite se desdobrou em imagens inusitadas, numa série de investigações que aqui apresentei, e, no decorrer, também me surpreendi com conexões e improvisos que surgiram. A partir deles, busco fazer refletir sobre a importância desta ação poética no cotidiano de todos. Não apenas para estar atento às oportunidades e para o estímulo do processo criativo, se percebendo parte de um todo, mas também para rever as formas de relacionar com o espaço e as linguagens criadas, na tentativa de manter o equilíbrio e acompanhar as mudanças no que se faz necessário às diversas partes.

Para tanto, comecei perscrutando o significado de improviso, e as palavras que o intermediavam com as ações do ser. O íntimo surgiu como portador essencial de informações extravasadas de alguma maneira pelo ser, que as controla, ou não, por um raciocínio do que é internalizado, no que vem a constituir infinitas percepções e concepções do lugar como casa, ou lar. Ideias apoiadas pelos pensamentos poéticos e exploração do subjetivo necessário, por meio da obra “A Poética do Espaço” de Bachelard. Pensamentos que correm em diferentes intimidades, e escapam às definições. No que se refere ao visual do espaço, encontrei a perspectiva fenomenológica guiada principalmente pelos pensamentos de Merleau-Ponty, para perceber a experimentação como um ato sensorial e presente, uma vez que o passado e futuro são partes apenas da consciência.

Então, a pesquisa seguiu relacionando o improviso com tempo, e o mistério de sua compreensão pelo ser humano, sem o qual não é possível falar desta ação em sua relação com o espaço. Fiz sugestão, ao mínimo, de uma revisão da possibilidade de dilatar ou comprimir o tempo, ao passo que as interpretações são tidas como únicas, infinitas, e as intensidades de cada vivência se diferenciam historicamente e vivencialmente. Foi feita a conexão do pensamento fenomenológico, com os filósofos Agostinho e Bergson, que reforçaram a questão da ação realizável apenas no tempo presente, reconhecida pelo termo da visão (vidente-visível) de Merleau-Ponty, onde surgiu o cruzamento com o pensamento de Nietzsche sobre a capacidade de entender e conviver com essa ideia, tornando o improviso possível precursor do equilíbrio pela troca, relatado nessa pesquisa.

A seguir, no que diz respeito ao racional, encontrei o lugar, a identidade e o indivíduo, como necessidades de definições inescapáveis do ser humano, autorreconstituíveis, formadoras de linguagens, e, assim, também indispensáveis às relações. Onde se entende o que viu de diferente, percebe-os como improviso, e onde se reconhece a incapacidade de um domínio total do conhecimento e da matéria. O improviso passa a ser encarado como uma prática astutamente utilizada para driblar essa incapacidade, virando capacidade de reconhecer e conviver com as transformações que surgem. Foi uma ponte encontrada entre O Eterno Retorno de Nietzsche, que seguiu a pesquisa pela proposta de Certeau em A Invenção do Cotidiano, relacionando todas essas “táticas”, que existem e são naturais, que percorrem o dia-a-dia, o presente, ou, a soma de um passado e a perspectiva de um futuro. O improviso.

Em seguida, no que tange o improviso, foi possível associar ao íntimo, as motivações que impulsionam o ser e extravasam em ações. A partir delas, é legítimo o entendimento dos símbolos e suas recombinações que podem vir a ser justificadas e quebradas enquanto regras. Os métodos desenvolvidos pela prática passeiam entre tentativas de categorizações, passíveis de serem quebradas da mesma maneira que são executadas. Foi dada ao artista

a expectativa do ser que vive o presente, captando as informações sincrônicas, e agindo para tornar o imprevisto, um símbolo de questionamento e provocação. Neste momento, investiguei as motivações para ação, o que requisitou permear por perspectivas de diferentes áreas, inclusive científicas, percebendo e assumindo a estrutura racional do ser ligada ao seu íntimo, e à estimuladora do movimento.

As obras apresentadas no decorrer do trabalho retratam o processo de desenvolvimento dessas questões, sendo, às vezes, discretas no relacionar com o tema geral abordado, mas importantes para constituição das partes. Assim, como a própria questão do micro e do macro, anteriormente colocada, o imprevisto abarca todas essas etapas e vai influenciar em outros desdobramentos posteriores, maiores que ele.

Com as investigações desta pesquisa, e o trabalho prático que venho produzindo paralelamente, procuro provocar reflexões e a busca de alternativas para os processos de relação e construção espaciais, o que vem a abranger o campo de estudos da arquitetura e urbanismo. Ser autor da formação de um lugar próprio é inerente ao ser, mas se responsabilizar, parcialmente e majoritariamente, pela elaboração do que será vivenciado por outros, pode e deve ser considerada uma tarefa difícil e importante enquanto sociedade, condição a qual a arte também integra, tendo em vista a necessidade de locutor e interlocutor para que a linguagem aconteça.

(...) tende-se então a interrogar-se sobre os “alicerces” da atividade científica e a se perguntar se ela não funciona à maneira de uma colagem que justapõe mas articula sempre menos as ambições teóricas expressas pelo discurso e a persistência obstinada, remanescente, de astúcias milenares no trabalho do cotidiano dos gabinetes e dos laboratórios (CERTEAU, 1999, p.50).

De nômade a sedentário, o acúmulo de experiências e conhecimentos propiciam a construção do lar como lugar de conforto do indivíduo. Essa ação ocorre sobre linha tênue

de equilíbrio entre o domínio, respeito e harmonia com o entorno em busca da sua identidade e de pertencimento a um todo, assim, a sua existência.

No que escapa à capacidade de definições ou no que tende a se definir por indefinições, o que sobra, ou o que é, é espaço para mais indagações, ou improvisos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFANO, Bruno. Sociólogo francês Michel Maffesoli prevê a era dos afetos. **Extra Notícias**, 2016 Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/educacao/educacao-360/sociologo-frances-michel-maffesoli-preve-era-dos-afetos-20174105.html>> acesso em 13 jan. 2018.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J Oliveira Santos e Ambrósio de Pina Coleção Os Pensadores, São Paulo: Nova Cultura, 1996.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBOSA, Adriel Moreira. **Tempo e Lugar em Michel de Certeau**. São Paulo: UESP, 2015.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- DERRIDA, Jacques. **Memória de Cego: O Auto-retrato e Outras Ruínas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta – Ensaio para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Editora Hucitec: 1985.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.
- FRAGOSO, M. Luiza. **Experimentações Multimídia em Arte Contemporânea e Internet**. Tese defendida em 2003 no programa de Pós-Graduação em Multimeios da UNICAP, SP.
- GAMBIÓLOGOS, Coletivo. **Apresentação, Obras**. Disponível em: <<http://www.gambiologia.net/blog/>> acesso em 20 jun. 2017.
- GUIMARÃES, Cao. **Obras**. Disponível em: <<http://www.caoguimaraes.com/>> acesso em 10 jul. 2017.
- HOLANDA, Marina. **Arte e Arquitetura: Building Cuts, Gordon Matta Clark**. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-27310/arte-e-arquitetura-building-cuts-gordon-matta-clark>>, acesso em 20 de junho de 2017.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, 1964** / Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: O Declínio do Individualismo nas Sociedades**. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2014.

MATURANA, Humberto. **De Máquinas e Seres Vivos: Autopoiese: a organização do vivo**. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MORIN, Edgar. **O método 6: Ética** Porto Alegre: Sulina, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Trad. Notas e Posfácio de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falava Zaratustra**. Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ, Vozes, 2007. (Col. Textos Filosóficos).

NÓBREGA, Carlos Augusto. **Bot_Anic. Acoplamentos estruturais entre plantas, homens, e máquinas**. Disponível em: <<https://art.medialab.ufg.br/up/779/o/guto-nobrega2.pdf>> acesso em 20 jun. 2018.

PONTY, Merleau. **O Olho e o Espírito**. São Paulo: Cosac Naify: 2013.

PAREDES, Victor; MAGRO, Cristina. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG: 2001.

ROLNIK, Suely. **Toxicômanos de identidade**. Subjetividade em tempo de globalização. Disponível em: <https://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/viciados_em_identidade.pdf> acesso em 13 jan. 2018.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. Tradução: Constancia Egrejas. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2009.

SANTELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VIEIRA, Jorge Albuquerque; RAY, Sônia. **Teoria do Conhecimento e Arte**. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/11088>> acesso em 15 fev. 2018.

ZAMBONI, Silvio. **A Pesquisa em Arte: um Paralelo Entre Arte e Ciência**. São Paulo: 1998.

ANEXO

ENTREVISTA SUZANNA TIERIE - 10 de abril de 2017.

Lounge do Flat Riema Paulista Classic - Rua Bela Cintra, 672 - São Paulo, SP.

10:30am.

LF - Quando você reconhece um lugar como lar? Quando você pode dizer "estou indo para casa"? (Sabe, você tá fora de casa, e... enfim. "Ah! Quero ir embora, tô indo pra casa" Quando você reconhece que este lugar pode ser chamado de casa, de lar. Enfim.)

ST - Quando eu me sinto bem e à vontade no lugar. Eu posso chamar de casa. E eu sei que sou bem-vinda, sabe? É um lugar onde eu me sinto bem. Mais ou menos isso.

LF - Certo. Tá. Onde você vive? (primeira, e melhor pergunta) risos

ST - Eu vivo no presente. Hoje em dia eu estou vivendo de casa em casa. Não estou com meu próprio quarto, meu próprio apartamento. Eu não estou alugando um lugar. Estou no Brasil. Estou vivendo onde os trabalhos estão me levando, e onde meus interesses estão me levando. As pessoas estão me chamando, os caminhos estão abrindo. Mas por enquanto não estou me estabelecendo em um lugar. Estou indo de casa em casa. Onde eu me sinto bem eu fico um tempo. Onde eu sou bem-vida eu aceito o convite. risos

LF - Maravilhoso. Como você vive?

ST - Como eu vivo? Eu vivo em desequilíbrio. Equilíbrio, mas desequilíbrio também. São muitos altos e baixos, sabe? É muita intensidade. Estou sentindo isso agora super forte. Eu acho que estou me dando conta que eu estou precisando de um lugar onde posso ter um pouco uma base, que eu sei que posso voltar e trabalhar e pensar, e...

LF - Você finalmente tá sentindo falta disso?

ST - Começar a criar novas coisas, sabe? Porque eu estou sem parar e eu também não encontro tanto tempo de pegar um momento para começar a pensar em próprios projetos, sabe? Eu estou deixando muito ser levada. E eu estou adorando, mas mais e mais eu estou sentindo alguma coisa dentro de mim que está falando "você precisa parar e você precisa decidir", sabe? Eu não estou conseguindo decidir, eu acho. Porque está tudo sendo

interessante, quero fazer tudo ao mesmo tempo. E eu estou sozinha no mundo, mais ou menos. Minha família está na Europa. É difícil. Às vezes é um desequilíbrio.

LF - Talvez não seja essa, a falta de lar? De sentir o seu lugar?

ST - Pode ser também...

LF - Tá, vamos seguir e a gente volta para isso. Que coisas você carrega com você? Ou carregaria se fosse mudar para outro lugar?

ST - Que coisas eu carregaria comigo?

LF - É. Ou que carrega já, né?! Já que você vive nessa mudança eterna...

ST - Minha máquina.

LF - Sua máquina.

ST - Minha maquina é muito importante.

LF - É. Fora roupa, né... e, enfim...

ST - Umhum. Meus cadernos.

LF - Seus cadernos de quê?

ST - Eu gosto de escrever. O que estou vendo, o que eu estou vivendo. As frases que pessoas falam que não conheço ainda, que eu vou conhecendo. Poesias, pensamentos. Eu gosto de escrever isso. Eu preciso escrever também, às vezes, para ver o quê que eu fiz, o quê que eu estava sentindo, o quê que eu tava vivendo naquele momento.

LF - Organizar, né?!

ST - Aham. Meus caderninhos.

LF - Entendi. Você acha que então, essa coletânea de cadernos e imagens, provavelmente formam a sua vida e o seu lugar nessa viagem constante, né?

ST - É.

LF - Talvez seja um lugar mutante, assim...

ST - Exatamente

LF - Um ser totalmente composto de vários lugares do mundo, né? Totalmente transfigurado.

ST - É. Pode ser.

LF - É interessantíssimo isso. É esse cenário, um dos cenários mais...

ST - Cara, eu não trouxe... Eu sabia que eu tinha que ter levado meu caderninho, mas... Eu tenho um outro caderninho que eu... Pego entrada de shows, ou bilhetes de avião, ou cópias de passaporte, ou recibo de um momento que eu tava com uma amiga ou com um amigo vendo alguma coisa, ou bebendo alguma coisa, ou... sabe? Eu gosto de colecionar muito isso. E também quando eu vejo, por exemplo, uma folha no chão... Eu pego ela e eu boto ela no caderno. Risos. Pra me lembrar da rua, ou... E acabo esquecendo todas as folhas, sabe? Eu nunca sei mais. Ai meu Deus, de onde vem essa pedrinha? Risos De onde vem essa concha? Aí eu saio com um chumbo, cheia de pedras e de conchas... Ai, é muito bom!

LF - Me identifico com essas coisas. Tanto que, eu tava na minha orientação de mestrado, com a Malu, e a gente tava tentando entender o significado desses trabalhos que eu venho fazendo. E um deles, o Angapuá, não sei se você viu. Que eram uns monóculos, com uns objetos dentro, que eu fiz lá na aldeia que eu fui. Era um trabalho de colecionismo. Acaba sendo um recorte fotográfico dos lugares que a gente passa. Pegar ESSAS coisas que o SEU olhar recortou da paisagem, entendeu? Mesmo que seja no valor sentimental, mais do que o visual, instantâneo. Ele faz parte dessa fotografia, desse recorte. Eu sou exatamente assim, também. Tenho vários itenzinhos de coisas que saio colecionando no dia, de momentos importantes.

ST - É. Eu estava caminhando assim, voltando para casa. Que eu acho que agora eu estou sentindo. Agora eu estou num momento de... Tá gravando, mas não tem problema. É... Por exemplo. Estava ficando na casa de uma amiga, e eu saí da casa de um menino onde eu estava ficando... Peguei todas as minhas coisas e fui para casa da minha amiga. Eu não dormi nem um dia na casa da minha amiga, até eu decidi de voltar. Risos. Um dia pegar todas as coisas da casa da minha amiga e trouxe para casa do meu amigo. Mas eu fiz isso, mais ou menos, muito no sentimento, e sem perguntar se eu podia mudar as minhas coisas de um lugar para outro. Talvez ele nem perceba que eu mudei as minhas coisas, sabe? Porque tá reduzido dessa vez. Mas sinto que mudei de casa, sabe o que eu quero dizer? Agora estou caminhando, estou ficando no centro.

LF - Foi quando você levou as suas coisas?

ST - É.

LF - Tem alguma coisa aí...

ST - Eu ainda não sei explicar o que isso significa, ou nada, né? Aí, Eu acho que vou ter que perguntar... Mas isso tem uma questão de sentimentos, talvez também, né? Mas eu vou ter que perguntar dessa vez. Se eu posso ficar nessa casa onde eu já estou ficando.

Mas então... Eu estava caminhando e vi na minha frente na rua, uma borboleta. Só que ela tava morta, sabe? Mas eu fiquei com pena dela. De ela ficar lá na rua, brilhando todas aquelas cores lindas, aí eu peguei ela... Queria primeiro fotografar, só que ia ser chato fotografar ela e deixar ela lá, sabe? Aí eu peguei ela e levei ela comigo, e agora ela está lá numa plantinha lá na nossa casa.

LF - A borboleta morta?

ST - É, mas ela tá viva. Tá vivendo lá. Tá imortal. Eu gosto de levar essas coisas, sabe? Eu acho que esses pequenos detalhes me mostram que mais ou menos, eu estou no caminho certo. As coisas fluem.

LF - Você acha que eles te guiam também...

ST - Sim.

LF - E de uma certa forma aquela borboleta vai se decompôr ali naquele espaço e vai trazer aquela energia. Vai ficar ali transformada em uma outra coisa. Continua a viver, né?

ST - Sim!

LF - Se ele tá numa planta...

ST - Tem uma energia muito boa.

LF - Que delícia. Muito bom. Que coisas você coloca no lugar que você chega? Como você modifica ele?

ST - Como assim?

LF - Por exemplo, você tá morando na casa dessa pessoa agora, que não sabe que você tá morando... quer dizer, enfim. Nem você sabe exatamente, mas você tá ficando lá. E você levou suas coisas para lá. Oxi. Até eu me perdi na pergunta agora... risos. Como você modifica esse espaço que você tá? É só com as coisas que você colocou e você deixou lá... Ou tem uma organização, alguma interferência que você faz nesse lugar? Você percebe...?

ST - É... É difícil, sabe? Eu gostaria de... Ah! Eu já tenho o meu Palo Santo lá...

LF - Eu carrego o Palo Santo para todos os lugares também. Que é isso, Suzana?

ST - Aí eu acendo o Palo Santo e saio caminhando assim... Escondidinho com ele do meu lado, sabe? Pela casa inteira. Aí eu saio caminhando com meus novos companheiros de casa. Em Barcelona a gente fala "compañero de piso", a galera com quem você mora, né?! Eu estou morando mais ou menos com eles. Eles são super tranquilos. Mas aí eu acordei, e comecei a caminhar pela casa assim, tá. Eu vou botar um pouco de Palo Santo pela casa... Aí eles olharam pra mim assim, e eles "Su. não precisa esconder, sabe?" risos.

LF - Interessante! É uma interferência olfativa, no final das contas. Olfativa e energética, né?

ST - É.

LF - Quê mais? Tem mais alguma...

ST - Livros. Eu deixo assim, às vezes os meus cadernos em um canto, depois em outro canto. Aí tenho livro num canto e num outro canto. É. Eu ainda não me sinto... Tem que ir sentindo, né? Como você pode ir se instalando.

LF - Sim. Até por que esse espaço, não é seu, né?!

ST - Tem uma mesa na sala. É um duplex, né?! É incrível o lugar. Aí você tem um visual gigante, com uma janela bem alta sobre a Av. 9 de Julho. Sobre as ruas, dá pra ver um pouco o espaço, sabe? Não tem uma parede que tapa a vista. Então é uma sala bem gostosa.

Só que sempre tá sentada lá, a Ana. A Ana é jornalista, e ela é muito figura. E ela é mal-humorada quando ela acorda, sabe? Então você tem assim, aquela coisa de "caraca! será que ela vai falar bom dia ou não" Tem que tomar cuidado, sabe? Porque... enfim. A Ana sempre senta sempre nesse escritório. Aí eu fui sentar no escritório quando a Ana foi embora. E foi no dia que eu tava com a borboleta. Aí eu sentei no escritório e comecei a trabalhar nas minhas fotos, comecei a pegar os meus cadernos. Foi a primeira vez que eu realmente me instalei um pouco da maneira que eu gostaria, sabe? Para sentar, para pensar, para escrever. Olhar por volta de você. Conhecer o espaço, mostrar também como que gostaria de ser no espaço.

E aí eu estava super à vontade. E chegou um outro menino que mora na casa. E ele chegou com um kulele, e ele falou "hoje o dia é muito feliz, eu comprei um kulele". E eu assim, "hoje o dia pra mim também é muito feliz. Eu tive um encontro maravilhoso com pernambucanos

que eu conheci um mês atrás, encontrei uma borboletinha, ela tá aqui com a gente, e... o dia tá bonito, sabe?" tava muito legal. E aí ele assim "tá, então vou aprender a tocar o kulele" e eu assim "ah, você nunca tocou?" e ele "não, nunca toquei", aí eu falei "tá bom. Então vou te mostrar aqui um *tuner*, e vamos procurar uma musiquinha pra tocar com o kulele". Aí a gente começou a tocar, e eu olhei para trás e tinha um baixo. Um baixo maravilhoso que foi uma das primeiras coisas que vi quando entrei naquela casa, sabe?! "UAU com amplificador!!" E aí eu falei "João, será que eu posso tocar o baixo?" e ele assim "pode, ué!, é só ligar o baixo e você s

tá tocando ele". e eu "caraca , que bom!" então estávamos nós dois começando a aprender a tocar instrumentos. e passamos a tarde inteira lá." isso me fez sentir tão bem, sabe?! Porque... eu estava sozinha nessa situação, eu estou sozinha nessa casa. Eu não tinha perguntado ainda se eu... Eu não queria perguntar se era bem vinda ou não. Eu queria mais sentir, sabe?! Aquele sentimento, aquele encontro de nós dois. Duas crianças se divertindo, brincando, tocando música, pulando pra lá e pra cá sem se conhecer... No mesmo espaço, sabe?! Se sentindo em casa totalmente. Isso foi lindo. Eu acho que foi essa sensação que me fez levar as minhas coisas. Me fez me sentir bem lá. sabe? Foi muito legal. Foi uma surpresa, né? Eu não podia adivinhar que o dia ia acontecer assim.

LF - Acho que isso é maravilhoso, desse jeito que você vive. Eu acho que você deixa tanto fluir, que vai fluindo na energia certa, né? Digamos assim... É muito doido isso.

LF - É... A gente não tem muito tempo mais. Eu vou fazer mais duas perguntas.

ST - Tá. Vou rápido.

LF - risos. Como era o clima, ou o lugar onde você passou a infância. Como era esse lugar?

ST - É... são dois climas diferentes. Meu pai é holandês, minha mãe é brasileira, e eu nasci na Bélgica. Então, quando era pequenininha, eu nasci na Bélgica e fiquei um tempo na Bélgica, só que meus pais gostam de viajar, e de se mudar, e ir pra outros países. E eu logo fui quando eu nasci. Depois de duas semanas eu já estava visitando minha tia que mora na França, sabe? Lá. dentro da cestinha... Como é que se chama? Risos. Viajando já. Aí logo depois fui pro Brasil, conhecer a minha família brasileira. E a minha infância é muito marcada pelas coisas lindas que os meus pais me mostraram dos dois países. Dos três países, na realidade. Crescendo na Bélgica, um país nórdico, que faz fronteira com a Holanda, que é o país de onde meu pai vem, que é de onde eu tenho muito sentimento. E o Brasil, que é uma coisa selvagem, exótica, cachoeiras, praia, mar, aventuras, animais, cores muito fortes, sabe? Calor, música... Isso... A gente tava falando de infância, né?

LF - Rapidinho. Só um momento. Pode finalizar.

ST - Tá. É... A minha infância tá muito marcada pelas culturas diferentes, pelas pessoas diferentes, pelas cores, pelas línguas> Eu nasci falando duas línguas, três línguas, ouvindo pessoas falando francês, português, inglês, holandês. Num ambiente de... Meus pais tem um restaurante de comida mexicana e brasileira onde trabalham 15 nacionalidades, sabe? E sempre via morando na Bélgica e indo pra Holanda. Para esse país cheio de tulipas, e lagos, e barquinhos de velejar, e queijo gostoso, e... um humor diferente do humor brasileiro, sabe? Aí viajando para o Brasil, conhecendo os brasileiros, esse jeitinho... essa malandragem... o futebol, a criançada, sabe? Quando eu cresci era muito isso. Safadeza. Eu aprendi isso mais ou menos aqui. É muito!! São culturas absolutamente diferentes, sabe? E a minha infância tá muito marcada por esses dois mundos. Por essa fusão. Acho que isso me deu tanta fascinação, sabe? Pela natureza, pelas pessoas, pelas identidades diferentes...

LF - Acho que de certa forma você tá vivendo o seu lar de infância, então. Nessa mudança constante de ambientes.

ST - Pode ser.

LF - Talvez seja um pouco isso, né, também. Por isso que você se sente tão confortável em tá fazendo isso.

ST - Eu acho que essa criança fascinada nunca saiu de mim, sabe? Eu continuo interessada e curiosa e com vontade de conhecer e aprender.

LF - É. Porque você aprendeu a viver assim, né? Por isso que você se sente confortável e sente um lar. Mesmo não sendo um espaço físico fixo.

ST - Umhum. Mas é difícil sobreviver, ein?!

LF - Não, eu imagino. Tá, então. A última pergunta de volta. Não sei se vai ser diferente, mas de forma sucinta, de forma breve: Quando você reconhece o lugar como lar? Quando você pode dizer "estou voltando pra casa"?

ST - Quando você está voltando para si mesmo, eu acho. Quando você se encontrou naquele lugar, você volta para aquela sensação que você teve antes, que foi um portinho seguro, sabe? Não sei se eu consegui me explicar, mas é mais ou menos isso, quando... É isso mesmo.

LF - Entendi. Fantástica Suzana, obrigada. Risos. Vou desligar aqui o gravador.

ENTREVISTA HANNAH SIMMONS - 19 de maio de 2017.

Praia de Ipanema, Rio de Janeiro - RJ

02:47pm

LF - Quando você reconhece um lugar como lar? Quando você pode dizer "estou indo para casa"?

HN - Então... Quando tem meu tapete de ioga no chão, e quando eu acordo e faz minha rotina de meditação, de ioga, e quanto tem meu *vitamix*...

LF - O que?

HS - É um liquidificador muito bom.

LF - Ah, sim!

HS - E quando tem, comida que eu comprei dentro da geladeira (risos), e meus ingredientes especial da comida, tipo *tahine*... sabe? Essas coisas que não tem em cada casa. É isso. Minha rotina... E algumas coisa que são muito especial. E que preciso para viver, tipo meu liquidificador e meu tapete de ioga. Que mais?

LF - Interessante...

HS - Hum... Por que eu viajo com meu urso de peludo

LF - De pelúcia! (risos) Você tem ursinho de pelúcia?

HS - (risos). Sim. Sim.

LF - Qual é o nome dele?

HS - Ele não tem nome.

LF - Não é possível que não tenha nome.

HS - Ele é um bebê panda... não sei. (risos)

LF - Ah, todos os ursos de pelúcia precisam de um nome.

HS - É verdade, né?! Tá, eu vou pensar um nome para ele. Ele é menino, óbvio!

LF - Ele é óbvio que é menino... (risos)

HS - *Is that a good enough answer?*

LF - Ok, ok!

HS - Vou continuar a pensar aqui...

LF - Não, poderia ser só uma palavra. O quanto você quiser.

HS - Ah ok.

LF - Não tem limite não. É... A segunda pergunta... Onde você vive?

HS - Agora... Eu vive... Eu tenho minhas coisas em vários lugares, mas eu tô pagando aluguel agora então essa agora é onde vive... então... na casa de amigo em São Paulo até o novo apartamento em São Paulo vai estar liberado. Então eu estou numa fase de mudança, mas, como já disse, eu estava vivendo da minha mochila muitas vezes, mas agora estou buscando um lugar para botar minhas coisas até um ano, mas durante esse ano eu tenho certeza que eu vou viajar de novo.

LF - Impossível você ficar parada, né?

HS - Eu sei, eu sei... Mas eu quis ficar parada para focar nos meus projetos, porque se você está viajando, você não cria raízes para te estabelecer, para realmente materializar seus sonhos. Fica mais difícil, eu acho. Eu acho que ser humano tem que ter rotina para ser produtiva, se não, fica "o que eu vou fazer hoje?" fica muitas *choices*...

LF - Opções

HS - Muitas opções! Muitas decisões para tomar, e ser humano fica um pouco confuso, com todas essas opções.

LF - Eu sinto algo parecido. Às vezes eu tenho vontade de passar um tempo assim, viajando e tentando viver em cada lugar, mas...

HS - Eu gosto desse tipo de viagem. Quando você vai num lugar, e fica. Não tipo. "Ah, uma semana", porque você não realmente absorve a cultura, as coisas... Então é uma forma mais legal de viajar. Ficar. Criar vida em cada lugar.

LF - Aprende a criar um lar em cada lugar, né?!

HS - Exatamente.

LF - Interessante. É muito legal. Toda vez que vou fazendo entrevista, vou escutando coisas novas que me fazem refletir. Ah.... Como você vive? E aí eu não sei se isso tá dentro da outra pergunta, tipo, se já está respondido pela outra pergunta.

HS - Como eu vive?

LF - No caso, quando eu perguntei à Suzanna, e achei que tava respondido, mas aí ela...

HS - Como eu vive? É... eu vive... É muito grande essa questão, Uau.

LF - É... é muito amplo.

HS - Mas eu acho que eu vivo muito aberta para o universo trazer as coisas na minha frente. Eu... Tento viver no *flow*, e ter menos controle. Como "Ah! Eu tenho que ficar assim hoje". Eu gosto de ter controle em algumas partes da minha vida, mas eu tou percebendo que quando eu deixo mais fluir, coisas mágicas acontecem, e conexões, e oportunidades, e quando você tem essa confiança que o universo vai te trazer coisas boas se você tem uma vibração alta, você vai encontra coisas que você nunca teria pensado de encontrar.

LF - Legal. Eu acho que eu tou assim diminuindo do dinamismo Porque primeiro foi a Suzanna, que você ainda tem alguma coisa parecida com ela, agora você... Tipo, atpe chegar numa pessoa super enraizada que eu não sei quem vai ser, mas é bem possível que seja minha irmã.

HS - Mas eu acho que tem que ter um aceitação para cada pessoa. Eu acho que esse estilo de vida não é para todo mundo.

LF - Não, claro. Com certeza.

HS - E... As pessoas que são mais enraizadas e querem controlar tudo, é bom para eles.

LF - É, eu acho que o importante é se sentir bem, e feliz. Então, eu acho que tem gente que vive enraizada e não é feliz, mas tem gente que é. Do mesmo gente que vive mudando e preferia....

HS - Tá enraizada

LF - É.

HS - Eu estou sentindo muito com dois mundos. Um mundo de viajar, com aventuras... E um mundo de ah... Vamos fazer coisas, e realizar sonhos. Mas eu acho que é bom de ter metas.

LF - É. São objetivos, todo mundo tem que ter.

HS - *Ambition*.

LF - Ambições.

HS - Eu acho que é bom. E isso faz mudar o mundo. Se você só viaja e nunca participa, na evolução da terra... não sei.

LF - É. Talvez todo mundo precise de alguma coisa que te mova de alguma forma. E quanto maiores essas coisas, mais...

HS - Então eu acho que a vida tem que ter esses fluxos. De enraizamento e de viajar para abrir a mente. Porque as duas trazem coisas muito boas para pessoa.

LF - É um equilíbrio né?!

HS - É um equilíbrio.

LF - A eterna busca do equilíbrio.

HS - É muito difícil. E tem pessoas que são muito mais equilibradas tipo, só...

LF - E parece simples.

HS - Parece simples. E eles não tem os mesmos desejos... não desejos, mas... eles não tem muito extremo. Eu estou percebendo que estou uma pessoa muito extremo. Eu faço uma coisa, eu faz 100%, por que se não... Mas percebo que tenho que não sempre, como não tenho que correr todo dia...

LF - Não tem! Eu tou sofrendo muito com isso ultimamente. Porque eu sempre fiz muito esporte minha vida inteira, também, e... agora eu não estou podendo me dedicar porque tenho outras coisas importantes. E eu sei que se for me dedicar do jeito que eu gosto, da melhor maneira que me sinto, eu não vou conseguir da conta desses outros sonhos que eu tenho, sabe? Eu tenho que estudar muito, minhas aulas são longe, eu preciso trabalhar, para enfim... pagar um pouco das minhas contas, pelo menos...

HS - Não dá para fazer tudo.

LF - Não dá. Eu tenho tentado ir à academia todos os dias de manhã pelo menos. Academia é chato para caramba mas, é o mais prático... é perto de casa, vou em qualquer clima, e aí

eu passo uma hora lá no máximo, enquanto antes eu passava uma hora e meia, duas horas...

HS - Sei. Mas pelo menos tá indo.

LF - Eu sei. Sei também que se não fizer nem isso, vai ser pior para todo o resto. A falta de exercício me deixa muito acabada, também.

HS - Louco, porque eu conheço pessoas que não precisam acordar e movimentar o corpo.

LF - Eu também. Não entendo.

HS - Como assim? É muito louco.

[Incompleta – o áudio foi cortado no meio da gravação devido à um erro do aparelho]

ENTREVISTA THIAGO VERARDI - 11 de novembro de 2017.

Apartamento onde Thiago reside, em Lisboa, Portugal

02:55 pm

LF - Quando você reconhece um lugar como lar? Quando você pode dizer "estou indo para casa"?

TV - Falando pelo meu último lar, que foi aqui, o momento que eu me senti em casa foi quando eu coloquei aqueles postais [aponta para alguns postais grudados na parede]. Então, foi. Porque eu cheguei nessa casa, ela tava completamente vazia, e eu falei "vou colocar as coisas" e dormi aqui a noite. Estava me sentindo perdido, tava de ressaca... E eu dormi como foi um acampamento. Comecei a dormir. O momento que eu chamo de lar é quando eu começo a aplicar minha personalidade. Que eu tiro da mala... Porque para mim, todas as mudanças tinham isso. A primeira mala que você trouxe é o seu acampamento, depois você vai constituindo. E isso na minha vida mudou, mudou, mudou, porque eu me mudei muito. Então assim... O lar é o primeiro risco que você faz. É a primeira manhã que você acorda... UAU risos. É muito fluido.

LF - Não. É... Acho que já tem muita coisa aqui, porque tipo... Você tá colocando suas coisas no lugar, então tem um certo apego material, mas é relativo à memória, relativo à sua personalidade talvez, não?

TV - É. Por mais que a memória seja de curto prazo. A partir do momento que você tem um lar pré-estabelecido, é o lar no momento. Quando você viaja para um albergue, um hotel... O que for. Para mim isso é tipo...

LF - Eles podem ser encarados, de certa forma, como lar?

TV - Sim. São sempre.

LF - Tá. Onde você vive?

TV - risos. Eu vivo na minha cabeça. Rrsrs. O lugar que eu estou, físico, é tipo uma... é um espaço conquistado. É um território. Não é um lar. Pronto. Aqui é meu território, meu pequeno território. Mas o meu lar, muitas vezes não foi aqui. Às vezes é fora, ou é aqui. O lar acho que é esse estado de conforto seu. De estar em paz.

LF - Conforto! Essa é uma palavra muito importante e muito recorrente em todas as falas. Então cada vez mais eu me aproximo desse estado de conforto como significado de lar. Estou fazendo observações, né. Mas é muito interessante mesmo ouvir isso.

TV - Sim, sim. Mas não é o conforto físico, sabe. Já é o conforto espiritual. Que você tem demarcado. Aquilo é seu.

LF - Sim. Exatamente. Que vem, de certa forma também, do conforto do corpo, que reflete a mente, mas é. Não está só no externo, ela vem realmente, de dentro. É... Tá. Como você vive?

TV - risos. Ah. Eu não sei responder isso... É muito...

LF - É um pouco aberto, nas talvez seja um pouco da sua experiência de passar muito tempo em casa, de tá fora... ou. Não sei. Como é seu modo de vida?

TV - Depende do meu espírito, depende da minha fase... Tipo, desde ontem eu não coloco o pé para fora de casa, e ok. Eu tô bem comigo. Eu tô tranquilo, de folga. Eu tô escrevendo... O que eu tinha que comprar fora, eu comprei pela internet... Olha a influência da tecnologia para você não sair de casa. Sabe, eu tenho muitas opções. E eu ia andar na rua... sabe, ia fazer um passeio, e ia ter muito mais interação com a cidade do que com o que tava procurando. E pronto. E como eu quero algo de fora... Porque eu ia comprar minha fantasia de *halloween*, aí como eu queria algo de fora, e que chegasse rápido... Fiquei em casa. No meu lar, no meu conforto, na minha bolha. Porque é isso. Lar, para mim, é a sua bolha. Isso resume tudo. Eu sempre tô no lar, na minha bolha.

LF - Acho que a sua viagem digital, porque rola uma viagem digital, no momento em que você está procurando, de algo, mas ela não dá um compromisso físico... tipo, não te compromete visualmente, não só no seu estado de sair como esforço físico, mas o que as pessoas outras pessoas podem ver, e você também. Será que não tem relação também com isso? De tipo, você está no seu espaço físico, é a sua casa. No digital você poderia ter um espaço que era só seu e não entrar, não sair percorrendo... mas quando você está percorrendo a internet, você está visitando vários lugares, você se torna um pouco invisível, porque você não está sendo visto, as pessoas não estão te perseguindo com o olhar...

TV - É... Isso é muito verdade. Porque você está dentro e fora o tempo todo hoje. Você está na sua casa, mas você está interagindo com mil pessoas. Para mim, o que fascina, é a interação social, e hoje você faz isso muito melhor trancado na sua casa. Tipo, eu não sou de me isolar, mas acho que a troca que eu tenho aqui ia sofrer interferência. Se eu estivesse

num lugar fora, a gente ia ter uma troca com muito mais quebra de atenção. Então às vezes você tá muito presente no meio digital, no seu lar digital, e às vezes você tá muito presente no seu lar físico, em casa. E aí você está na sua bolha. E é a maneira, eu acho, mais fluida, de você interagir.

LF - Eu acho que tem uma ambiguidade do seu filtro. Do que você quer que as pessoas vejam ou não.

TV - Eu falo “Vê a essência”

LF - Ver a essência? Risos

TV - É. Risos. E você vê você como você é ali. Na sua bolha. Porque depois fora, você tem o contato social, você tem as câmeras, você tem... sabe? E até quando você compartilha... Por exemplo, eu não sou muito de vídeo em casa, mas quando você compartilha uma foto da sua casa... é uma foto de uma bolha. Você coloca um efeito ali mais subjetivo, e acabou. Você não vê nem sua casa. Vê só uma aura, e é isso que você quer transmitir. Então nem visualmente se compromete.

LF - É disso que eu estou falando, por exemplo, esse filtro. Você mostra o que você quer, e às vezes você até cria uma coisa que pode ou não ser verdade, né? Você cria um ideal, às vezes. Tem muita gente que vive disso. Não? Tem muita gente que vive de criar um personagem dela na internet...

TV - Ai sim... Tem. É. Claro. Isso é uma máscara, né?! Nem um personagem ideal, mas é sempre aquela faceta sua que vai sair melhor dependendo do grau de sinceridade que você exprime né?! Porque eu vejo muita coisa absolutamente superficial, e que as pessoas se desmascaram com aquele... aquela outra máscara do que é profissional. É tipo “Ah, eu tô sendo profissional, eu não vou admitir nada fora do rigor formal”. E quando você, pelo menos no domínio da arte, você pode ser você como um todo. Porque você tá vendendo também a sua aura como artista. É num mercado criativo, então acabou. Você faz essa unificação. É a visão que eu tenho.

LF - Que coisas você carrega com você? O que carregaria se fosse se mudar para outro lugar?

TV - A carga energética, é o que a gente carrega, sobretudo sentimentalmente, porque... A sua mala, se você for com a sua mala pequena, é uma carga energética X, e se você for com um container, é igual. Então o que você leva de resto... Mas assim, você chega eletrificado. Digo assim, minhas mudanças de um lar para um outro lar, eram muito

complicadas porque eram cidades diferentes, então era uma coisa assim “vou mudar de ano na escola, eu vou ter novos amigos, eu vou ter nova adaptação, nova escola, um novo papel naquela escola...” e sei lá, eu me mudei pela primeira vez com 8 anos, antes disso eu nasci e estava na casa dos meus pais, eles se separaram, aí fui para casa dos meus avós de novo, aí depois minha mãe casou de novo e eu fui morar com meu padrasto, aí a gente mudou de apartamento, depois mudou de cidade, uma, duas, três, quatro, cinco vezes. Risos. E era sempre uma nova escola, uma nova cidade, uma nova cultura, e era um desafio que a família tomava como como uma missão... “vamos lá, ver se é legal”, e sempre estava acompanhado de uma proposta positiva. “vamos para uma nova casa”, essa nova casa era sempre um *upgrade* “ah não, mas essa vai ter isso...”, e positivava tudo em cima de um ideal de progresso econômico, e sempre um supérfluo a mais, e depois um supérfluo tipo, um cachorro... um gato... um supérfluo afetivo, que ele tá disfarçado, mas ok. A vida, o nosso sistema, é assim. Você tem o seu... nem digo que seja um tipo de trauma, mas você tem uma relação que você cria com as coisas que depois você começa a questionar, quando você muda mais uma vez de cultura (foi essa minha última mudança), que foi fora do meu país e para sempre (porque eu não quero... se eu for embora daqui eu vou para o Chile) então assim... o ideal de lar para mim no Brasil não existe depois dessa crise política que está acontecendo, e moral. Eu rio. Eu falo “eu tenho até medo de ir de férias, e ficar preso lá porque eu fui lá e não resisti... fiz umas vídeo projeções de arte erótica na favela”. Sabe?

LF - Você fez?

TV - Não. De eu fazer se eu fosse lá agora. Entendeu? Porque tipo, já dá para fazer no prédio de alguns amigos, onde você faz naquele espaço privado, com a imagem que invade, e filma a relação das pessoas.

LF - Muito foda.

TV - Umhum. Eu quero muito fazer isso. Se você quiser fazer por mim, a gente...

LF - Vamos conversar?

TV - Se você quiser fazer, eu acho que eu tenho o lugar ideal. Eu tenho um amigo, que te apresento, e você faz do prédio dele... (...)

LF - Eu animo, ein?! Risos. Vamos continuar.

TV - Pronto. É tipo.... essa lâmpada vermelha, é uma coisa baratinha, comprei na tokstok, de repente aquilo mudou, e aquele outro abajur, a mesma coisa, que eu pedi para os meus avós trazerem, porque eu vim de última hora... eu falei “olha. Não vai dar trabalho nenhum”

e pronto. E são esses objetos de conforto também, porque na minha mala tem várias pedrinhas, que são várias coisas pequenas e pesadas que eu levo. Se você ver as pessoas que iam para o campo de concentração, por exemplo (vou fazer essa comparação aí com o nazismo), e você via as malas deles, as crianças levavam um ursinho de pelúcia... qualquer coisa que é o seu lar, para você abraçar aquilo.

LF - Tem o objeto afetivo. Sem dúvidas. Lembro que eu pensava muito nisso quando eu era criança. Nessa história que falavam “Ah. Se morrer vai para o céu e não vai levar nada”, e eu ficava pensando que se eu pudesse escolher uma coisa para levar? Qual que seria? E eu pensava muito nisso. É muito doido, né?! Porque de certa forma, quando você se muda, você meio que morre de um lugar, e renasce em outro.

TV - Ou você vive em todos.

LF - Sim. Você vive em todos, mas essa mudança é uma morte de uma fase de experiência que você viveu.

TV - Não. Eu achava que era. Mas agora eu tenho certeza que não. Porque as coisas voltam. E elas não voltam por acaso.

LF - Ué, mas as várias vidas podem voltar.

TV - Exatamente.

LF - Então. Elas continuam vivendo. É a morte de uma fase. Não de algo que parou e não vai acontecer mais, mas é uma transição.

TV - O que é o lar. Se não a bolha que você habita, os problemas que você vive, as coisas que você olha, porque é uma sociedade que você vive, outra que você sai... então. Qual é o seu lar? Se é o lugar físico, ou digital que você interage com elas. Onde você está mais preocupado em passar seu recado? O Instagram, por exemplo, e aquela coisa do personagem. Se eu for um personagem, eu vou ser um personagem aqui, e não um personagem lá. Porque lá eu já não me importo, e lá o fluxo de interação entre pessoas na rede digital é muito maior.

LF - Essa discussão é muito importante, porque eu estou acostumada a ver, inclusive no meio das artes um lado muito negativo em relação às mídias digitais, e uma preocupação muito grande. E eu acho que isso é medo do desconhecido sim. E aí leio alguns filósofos, como Maffesoli, que diz não ter posição sobre a internet, mas mostra também um lado otimista, de certa forma. E eu não sei se é da minha personalidade ser assim, mas acho importante

enxergar os dois lados de tudo. E a internet tem um lado positivo sim. Por mais que não exista a mesma interação que existe no mundo físico, ela dá uma certa liberdade ao ser, de ser quem ele é. Porque os grupos se multiplicam, e as diferenças também, e elas precisam começar a serem aceitas, por encontrar pessoas que vivem coisas parecidas em lugares diferentes. Isso é muito importante, eu acho.

TV - Eu concordo plenamente. É uma interação que está ali no seu território geográfico, mas hoje o território geográfico está completamente aberto. Você pode deixar as pessoas entrarem ou não. Isso me fascina.

LF - Pois é. E essas coisas que você diz, por exemplo, que carrega poucas coisas porque pode se mudar de repente. Acho que faz muita parte da nossa geração. Que faz parte da internet, que está priorizando experiências, ao invés da matéria. Enfim... Que coisas você coloca no lugar que você chega? Como você modifica ele.

TV - Se eu chegar numa mesa de bar para tomar uma cerveja, eu vou modificar aquele lugar. Isso é um ponto da minha terapia, que eu via muito "porque você não pode negar quem você é, e a missão que você traz", então o que você faz nos lugares "transforma a partir da sua presença", e você pode fazer isso revolucionando ou não. Mesmo sendo muito sutil, faz coisas que as pessoas vão lembrar para sempre, apesar de não se incomodarem ou se emocionarem. Seja ela de forma negativa, ou positiva. Então é algo que eu sempre tento fazer, quando as pessoas estão na minha presença, o que é que eu posso agregar para elas? Mesmo que seja mínimo? E por isso que tenho tantos amigos, e tantos lares. De fato, elas não me esquecem. (...)